

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

ECCIA ALÉCIA BARRETO

**A EXPRESSÃO DO ASPECTO HABITUAL: UM ESTUDO NA FALA E NA
ESCRITA DE ITABAIANA/SE**

São Cristóvão/SE

2014

ECCIA ALÉCIA BARRETO

**A EXPRESSÃO DO ASPECTO HABITUAL: UM ESTUDO NA FALA E NA
ESCRITA DE ITABAIANA/SE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, como requisito à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos, Linha de Pesquisa: Descrição, Leitura e Escrita da Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Meister Ko. Freitag

São Cristóvão/SE

2014

ECCIA ALÉCIA BARRETO

**A EXPRESSÃO DO ASPECTO HABITUAL: UM ESTUDO NA FALA E NA ESCRITA
DE ITABAIANA/SE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, como requisito à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos, Linha de Pesquisa: Descrição, Leitura e Escrita da Língua Portuguesa.

Dissertação aprovada em 17/02/2014

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Raquel Meister Ko. Freitag - UFS
Universidade Federal de Sergipe
Presidente - Orientadora

Prof^a Dr^a Josane Moreira de Oliveira - UEFS
Universidade Estadual de Feira de Santana
1º Examinadora - Externa

Prof. Dr^a. Leilane Ramos da Silva- UFS
Universidade Federal de Sergipe
2ª Examinadora - Interna

À minha mãe, Maria Euda Barreto, minha eterna inspiração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que colaboraram para este momento tão esperado em minha formação acadêmica. Em especial, quero demonstrar meu reconhecimento:

Primeiramente a Deus e à Irmã Dulce, por me darem espiritualidade e fé diante de tantos obstáculos que apareceram durante o percurso.

À minha mãe, que sempre foi e será fonte inesgotável de inspiração. É por ti que batalho tanto. Amo-te!

Ao meu namorado, Alisson, pelo apoio incondicional durante todo o meu percurso acadêmico, pela paciência, pela dedicação e por me guiar nos momentos de tensão. Te amo muito!

Ao meu pai, que mesmo distante se mostrou presente em minha vida!

Aos meus avós, Elza e José Anório, por tudo que sempre fizeram por mim. Amo muito vocês!

Aos meus tios, especialmente à tia Edma, que sempre me mostrou a importância de batalhar por aquilo que deseja.

Às minhas priminhas lindas, Iasmim e Lorena, pelos sorrisos especiais. Elas são meus xodós!

À minha inesquecível amiga de todas as horas, Andréia, companheira de todos os momentos.

À minha amiga, Fernanda Keline, pelo apoio e companheirismo.

Às amigas que fiz durante o Mestrado: Amanda Matos, Kelly Carine, Solange Santos, Marcle Vanessa e Jaqueline Fontes, pelo apoio e companheirismo.

À minha orientadora, Dra. Raquel Meister Ko. Freitag, pela orientação mais que segura, por abrir as portas da pesquisa para mim e por sempre me motivar a seguir em frente. Obrigada por tudo!

Às professoras das bancas examinadoras da qualificação e da defesa, Leilane Ramos da Silva e Josane Moreira de Oliveira. Grata pelas observações e contribuições!

À Prof^a. Dra. Leilane Ramos, pela amizade, pois, para mim, sempre foi mais que uma professora.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, pelos ensinamentos durante o percurso.

À FAPITEC e ao CNPq, pelo subsídio financeiro.

Às minhas amigas Andreza Gois e Marcle Vanessa, pelo abstract.

Obrigada a todos!

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo identificar os traços e contextos que caracterizam a ocorrência do aspecto habitual, em uma amostra de fala e escrita da comunidade de Itabaiana/SE, a fim de contribuir para o modelo descritivo aspectual e subsidiar aplicações para o ensino de língua portuguesa. Partimos de uma visão composicional de aspecto, prevendo a interação entre componentes gramaticais e lexicais para a sua expressão. Propomos uma abordagem guiada pelo funcionalismo cognitivista norte-americano (BYBEE, 2010; GIVÓN, 2011), articulada com a noção de gradiência aspectual, proposta por Bybee et al. (1994). Assumimos a perspectiva de que os fenômenos linguísticos derivam de processos cognitivos e que a comunicação humana ocorre em função das experiências, que envolvem participantes e contextos não homogêneos (BYBEE, 2010). Para investigarmos os traços e contextos que influenciam o uso do aspecto habitual, dentro das amostras, controlamos os fatores linguísticos, de caráter formal, cognitivo e discursivo: i) *modificador aspectual* (presença ou ausência); ii) *traços aspectuais*: duratividade [+/- durativo], dinamismo [+/- dinâmico], homogeneidade [+/- homogêneo]; iii) *classes acionais de Vendler + cognição* (atividade, estado, *accomplishments*, *achievements* e cognitivo); iv) *tempo verbal* – pretérito imperfeito, pretérito perfeito; e outros tempos verbais que se mostraram relevantes para compor o aspecto habitual; v) *forma verbal*: simples ou perifrástica; vi) *gradações de modalidade*: grau 1, grau 2, grau 3 e grau 4; vii) *especificação da reiteração*: (+/- especificável); viii) *tipo de sequência textual*: narrativo, opinativo, dissertativo e descritivo; ix) *tópico discursivo*: nível intertópico, nível inter-oracional e nível intratópico; x) *agentividade*: sujeito ativo e sujeito passivo. Para o estudo que propomos, tomamos como *corpus* de análise os bancos de dados *Falantes Cultos de Itabaiana/SE* (ARAUJO; BARRETO; FREITAG, 2012) e *Banco de Dados de Escrita Textos Narrativos e Opinativos* (ARAUJO; PEIXOTO; FREITAG, 2012), da comunidade de Itabaiana/SE, vinculados ao Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade (GELINS). Os dados foram submetidos à análise estatística, a partir da qual evidenciamos quais arranjos de traços são mais prototípicos para a expressão do aspecto habitual na comunidade de Itabaiana/SE, podendo apresentar uma proposta de gradiência. Foram analisados 396 contextos de habitualidade. Os dados quantitativos sugerem as trajetórias de mudança que pressupõem estágios de menor estabilidade do sistema, na medida em que ocorre a sobreposição de formas (PP e PI) para o desempenho de uma mesma função: a expressão do aspecto habitual. Os resultados quantitativos sugerem um *continuum* das formas de PP e PI quanto à expressão da habitualidade. Além de apresentar algumas especificidades, como, por exemplo, *modificador aspectual + verbo estativo + PP* atualizam o aspecto habitual, em que a situação é vista como

única e durativa, sem interrupções no seu tempo de duração, mas se repetindo indeterminadamente, já que os limites finais não são visíveis. Também as estruturas com *verbos de atividade + PI* ou *modificador aspectual + verbo não estativo + PI* também atualizam o aspecto habitual, fazendo com que a situação seja percebida não como única, mas como se repetindo indeterminadamente. Além disso, por meio da decomposição das classes aspectuais de Vendler (1957) elaborada por Bertinetto (2001), concluimos que os verbos estativos favorecem a emergência do aspecto habitual em interação com PP devido ao seu traço [– dinâmico] e pela presença do modificador aspectual. Em contrapartida, verbos de atividade favorecem o aspecto habitual em interação com PI e, em alguns casos, com a presença de um modificador aspectual, por compartilharem o traço [+ dinâmico].

Palavras-chave: aspecto verbal; composicionalidade aspectual; aspecto habitual.

ABSTRACT

This study aims at identifying the traits and the contexts that characterize the habitual aspect occurrence in a sample of speech and writing Itabaiana/SE community in order to contribute to the aspectual descriptive model and support Portuguese language teaching. We begin with a compositional point of view, predicting the interaction between grammatical and lexical components for its expression. In addition, we propose a guided approach by American cognitive functionalism (BYBEE, 2010; GIVON, 2011) combined with the notion of aspectual gradience proposed by Bybee et al. (1994). We understand that linguistic phenomena are derived from cognitive processes and human communication occurs on the basis of experiments involving participants and non-homogeneous contexts (BYBEE, 2010). In order to investigate the traits and contexts that influence the use of habitual aspect within the samples, we controlled the linguistic factors as well as formal, cognitive and discursive character: I) *aspectual modifier* (presence or absence); II) *aspectual traits*: durativity [+ / - durative], dynamism [+ / - dynamic], homogeneity [+ / - homogeneous]; III) *Vendler's actional classes + cognition +* (activity, status, *accomplishments, achievements and cognitive*); IV) *tense* - imperfect, past perfect; and other tenses that proved to be relevant to compose the habitual aspect; V) *verb*: Simple or periphrastic; VI) *gradations of modality*: degree 1, degree 2, degree 3 and degree 4; VII) *specification of reiteration*: (+ / - specifiable); VIII) *type of textual sequence*: narrative, opinionated, descriptive texts and essays; IX) *discourse topic*: intertopic level, inter-clausal level and intratopic level; X) *agentivity*: active and passive subjects. For the study proposed by us, we take the *corpus* of analysis the following databases: *Itabaiana / SE's Intellectual Speakers* (ARAUJO; BARRETO; FREITAG, 2012) and *Itabaiana / SE's Narrative and Opinionated Texts Writing Database* (ARAUJO; PEIXOTO; FREITAG, 2012), which are linked to the Group of Studies in Language, Interaction and Society (GELINS). Data were subjected to statistical analysis, from which we noted that arrangements traits are more prototypical to the expression of habitual aspect in Itabaiana / SE, what may present a proposal for gradience. Thus, 396 contexts of habituation were analyzed. The quantitative data suggest that there were changes in trajectories, which require stages with a reduced stability of the system as there are overlapping forms (PP and IP) that can perform the same function: the expression of habitual aspect. The quantitative results suggest a *continuum* of shapes PP and PI for the expression of habituation. Besides presenting some peculiarities, *stative aspectual modifier + verb + PP* update the habitual aspect, in which the situation is seen as unique and durative, uninterrupted in its duration, but being repeated indefinitely, taking into account that its last limits are not visible. Furthermore, the structures with *action verbs + PI* or *aspectual modifier + nonstative verb + PI* also update the habitual aspect, therefore, the situation is not perceived as unique, but as repeating

indefinitely. Moreover, through Vendler's (1957) decomposition of aspectual classes, developed by Bertinetto (2001), we conclude that stative verbs promote the emergence of habitual aspect in interaction with PP due to its trait [- dynamic] and the presence of aspectual modifier. In contrast, action verbs promote the interaction with PI aspect and, in some cases, with the presence of an aspectual modifier because they share the trait [+ dynamic].

Keywords: verbal aspect; aspectual compositionality; habitual aspect.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS, QUADROS, TABELAS E GRÁFICOS.....	13
INTRODUÇÃO	14
1 A EXPRESSÃO DO ASPECTO HABITUAL.....	20
1.1 A NATUREZA COMPOSICIONAL DO ASPECTO	20
1.1.1 Aspecto gramatical.....	20
1.1.2 Aspecto inerente	22
1.1.3 Marcadores aspectuais.....	27
1.2 O ASPECTO HABITUAL	29
2 O QUE DIZEM OS COMPÊNDIOS GRAMÁTICAIS?	45
2.1 GRAMÁTICAS NORMATIVAS	46
2.2 GRAMÁTICAS PEDAGÓGICAS	49
2.3 GRAMÁTICAS DESCRITIVAS.....	50
3 ASPECTO HABITUAL: PROPOSTA ALINHADA AO USO.....	54
3.1 VARIÁVEIS CONTROLADAS.....	59
3.2 A NATUREZA DA ANÁLISE E O TRATAMENTO DOS DADOS.....	60
4 A EXPRESSÃO DA HABITUALIDADE	61
4.1 FORMAS DE PERÍFRASES VERBAIS: ANÁLISE QUALITATIVA	62
4.1.1 Imperfeito + infinitivo.....	62
4.1.2 Imperfeito + gerúndio	63
4.1.3 Imperfeito + particípio.....	65
4.1.4 Perfeito + infinitivo	66
4.2 FORMAS SIMPLES PP E PI: ANÁLISE QUANTITATIVA	67
4.2.1 Traços aspectuais.....	68
4.2.2 Modificadores aspectuais.....	72
4.2.3 Classes acionais de Vendler + cognição.....	74
4.2.4 Gradações de modalidade.....	77
4.2.5 Especificação da reiteração	80
4.2.6 Tipo de sequência textual	82
4.2.7 Agentividade	83
4.3 CORRELAÇÃO ENTRE FORMAS E CONTEXTOS DE USO	84
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	91

LISTA DE FIGURAS, QUADROS, TABELAS E GRÁFICOS

Figura 1: Representação do tempo (COMRIE, 1976, p. 2)	14
Figura 2: Classificação das oposições aspectuais (COMRIE, 1976, p. 25)	22
Figura 3: Gradiência da habitualidade (BYBEE et al., 1994, p. 170)	30
Figura 4: Processo de reduplicação (BYBEE et al., 1994)	30
Figura 5: Domínios do imperfectivo sentencioso e pluracionalidade (BERTINETTO; LENCI, 2010, p. 41)	42
Figura 6: Escala aspectual (MATEUS ET AL. 1983, p. 130)	50
Figura 7: Localização de Itabaiana/SE	59
Quadro 1: Sumarização aspectual a partir de Bybee et al. (1994, p. 126 - 127)	17
Quadro 2: Propriedades das classes aspectuais (BERTINETTO, 2001, p. 178)	26
Quadro 3: Sumarização dos critérios de Bertinetto e Lenci (2010, p. 11)	42
Quadro 4: Sumarização dos estudos sobre a habitualidade	43
Quadro 5: Tipologia do aspecto (CASTILHO, 2010, p. 420)	52
Quadro 6: Resumo de caracterização do aspecto habitual	56
Quadro 7: Correlação entre os modificadores aspectuais e as formas de PI e PP na expressão do aspecto habitual	74
Quadro 8: Escala de gradação de modalidade (FREITAG; ARAUJO; BARRETO, 2013, p. 108)	78
Quadro 9: PP e PI na expressão do aspecto habitual	84
Quadro 10: <i>Continuum</i> das formas de PP e PI quanto à expressão da habitualidade	87
Tabela 1: Distribuição dos informantes do banco de dados <i>Falantes Cultos de Itabaiana/SE</i>	57
Tabela 2: Estratificação social dos textos produzidos	57
Tabela 3: Atuação do traço aspectual duratividade na expressão do aspecto habitual (Fala) ..	70
Tabela 4: Atuação do traço aspectual duratividade na expressão do aspecto habitual (Escrita)	70

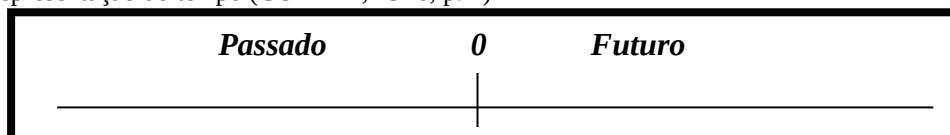
Tabela 5: Atuação do traço aspectual dinamismo na expressão do aspecto habitual (Fala) ...	70
Tabela 6: Atuação do traço aspectual dinamismo na expressão do aspecto habitual (Escrita)	71
Tabela 7: Atuação do traço aspectual homogeneidade na expressão do aspecto habitual (Fala)	71
Tabela 8: Atuação do uso de modificador aspectual na expressão do aspecto habitual (Fala)	73
Tabela 9: Atuação do uso de modificador aspectual na expressão do aspecto habitual (Escrita)	74
Tabela 10: Atuação das classes acionais de Vendler + cognição na expressão do aspecto habitual (Fala).....	76
Tabela 11: Atuação das classes acionais de Vendler + cognição na expressão do aspecto habitual (Escrita).....	77
Tabela 12: Atuação da gradação de na expressão do aspecto habitual (Fala).....	80
Tabela 13: Atuação da gradação de modalidade na expressão do aspecto habitual (Escrita) .	80
Tabela 14: Atuação da especificação da reiteração na expressão do aspecto habitual (Fala) .	81
Tabela 15: Atuação da especificação da reiteração na expressão do aspecto habitual (Escrita)	81
Tabela 16: Atuação do tipo textual na expressão do aspecto habitual (Fala).....	82
Tabela 17: Atuação do tipo textual na expressão do aspecto habitual (Escrita)	83
Tabela 18: Atuação da agentividade na expressão do aspecto habitual (Fala).....	84
Tabela 19: Atuação da agentividade na expressão do aspecto habitual (Escrita)	84
 Gráfico 1: Balanço geral das amostras de fala e escrita	61
Gráfico 2: Fatores mais relevantes na fala	86
Gráfico 3: Fatores mais relevantes na escrita	86

INTRODUÇÃO¹

No português do Brasil, as categorias verbais tempo e modo/modalidade são marcadas morfologicamente. Os verbos possuem desinências verbais que pertencem a dois tipos distintos: i) aquelas que indicam o modo e o tempo (desinências modo-temporais); ii) e aquelas que indicam o número e a pessoa dos verbos (desinências número-pessoais). Por exemplo, se desmembrarmos o verbo **cantávamos**, teremos: **cant-**: radical; - **á** -: vogal temática; - **va-**: desinência modo-temporal (caracteriza o pretérito imperfeito do indicativo); - **mos**: desinência número-pessoal (caracteriza a primeira pessoa do plural). Segundo Corôa (2005, p. 33), “o verbo é tão diferenciado pelos morfemas temporais que o falante/ouvinte pode se situar temporalmente, quanto ao desenvolvimento das ações, eventos ou processos, sua ordenação e sua posição com respeito a si mesmo (falante/ouvinte)”.

Dentro do sistema linguístico, o tempo verbal é uma estratégia para codificar situações ligadas à noção de estado, processo e ação. Trata-se de uma categoria dêitica, pelo fato de ser através do momento de fala que é marcada na língua a posição que os fatos ocupam no tempo. Assim, definimos o tempo, nos termos de Borba Costa (2002, p. 17), como “uma categoria que marca na língua, através de lexemas, de morfemas, de perífrases, a posição que os fatos referidos ocupam no tempo, tomando como ponto de partida o ponto-dêítico da enunciação”. Em português, a partir do momento da enunciação, pela relação de simultaneidade, anterioridade e posterioridade, três tempos podem ser descritos: presente, passado e futuro, expressos no diagrama a seguir:

Figura 1: Representação do tempo (COMRIE, 1976, p. 2)



¹ O interesse em realizar esta investigação advém da experiência como bolsista de Iniciação Científica na área de Sociolinguística, durante o período de: 2008-2009/2011/2-2012/1, fazendo parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBICVol/PIBIC/CNPq/UFS), com os seguintes planos de trabalho: “Procedimentos discursivos na fala e na escrita de Itabaiana/SE: estratégias de sequenciação de informação” (2008-2009); e “Variação na expressão do tempo verbal passado: o valor habitual” (2011/2-2012/1), sob a orientação da Profa. Dra. Raquel Meister Ko. Freitag, coordenadora dos projetos mencionados.

O centro do diagrama (0) marca o presente, caracterizado como o momento da fala. A partir deste é que podem ser estabelecidas as outras duas dimensões temporais. Quando a situação ocorre à esquerda do ponto dêitico, denomina-se como passada; se ocorrer à direita, a marca temporal é caracterizada como futuro. Portanto estes três tempos verbais são estabelecidos através das relações de simultaneidade, anterioridade e posterioridade.

- (1) ... que o curso era aquilo mesmo que eu já **tava esperando** já num foi surpresa não porque eu **já sabia** o que o que eu ia ter pela frente... a vantagem foi essa de eu escolher... (m 05)²

Em (1), temos duas situações verbais, *estava esperando* e *já sabia... o que o que ia ter pela frente*: ambas antecederem o momento da fala, acontecem no passado e simultaneamente. O informante, para expressar uma situação ocorrida no passado, se pôs “numa perspectiva também de passado para contemplar o evento na sua ocorrência” (CORÔA, 2005, p.52-53), fazendo, assim, uso da forma de pretérito imperfeito.

A expressão de modo/modalidade³, assim como do tempo, se faz também por marcas morfológicas no português brasileiro; é estudada nas gramáticas normativas na seção de morfologia e consideradas como categoria verbal, envolvendo itens morfológicos e paradigmas verbais como subjuntivo, indicativo e imperativo, codificando as relações de possibilidade, ordem, desejo e intenção.

Quanto à categoria aspecto, existem diferentes perspectivas de estudo, sem que haja um consenso sobre a melhor ou mais abrangente abordagem. Nesta pesquisa, assumimos que o aspecto refere-se à forma como o falante percebe a constituição temporal interna de uma situação (COMRIE, 1976), não tendo relação direta com o ponto dêitico (ponto de fala). Comrie (1976) assinala dois aspectos essenciais nas línguas: o perfectivo – expressa uma ação vista como um todo, não sendo destacadas as possíveis fases que compõem aquela ação – e o imperfectivo – realça basicamente a estrutura interna da ação.

- (2) F: eu escolhi esse curso porque eu gosto mais da área... de exatas... quando eu **estudava** no ensino médio das exatas a que eu mais gostava... era química... e por ser um curso que tinha aqui em Itabaiana também... (f 13)

² Os dados foram extraídos do banco de dados *Falantes Cultos de Itabaiana/SE* (ARAUJO; BARRETO; FREITAG, 2012). A sigla ao final refere-se à identificação do informante.

³ Algumas pesquisas diferenciam o modo da modalidade: modo costuma ser usado para expressar distinções sintáticas e semânticas associadas aos paradigmas verbais; e modalidade, categoria linguística que reflete a atitude do falante em relação à proposição, ou seja, ao que se diz, evidenciando sua crença, opinião, julgamento etc. (GIVÓN, 2001). Não vamos entrar nessa discussão, pois não é o foco de nossa investigação.

Em (2), o verbo destacado *estudava* é aspectualmente marcado com o valor imperfectivo, pois faz referência a uma ocasião que denota extensão temporal, ou seja, que faz referência à sua constituição temporal interna, pois coloca em foco a trajetória do evento considerando também sua realização, assim o evento teve início e ainda está em processamento. A opção pela forma *estudava* sugere um processo que está se desenvolvendo. Se o falante tivesse optado por utilizar a forma verbal de pretérito perfeito como em (3), o evento seria apresentado como tendo início, meio e fim, caracterizado, assim, como aspecto perfectivo.

- (3) quando **estudei** o ensino médio das exatas o que eu mais gostava era química, e por ser um curso que tinha aqui em Itabaiana.

Borba Costa (2002) afirma que, no português do Brasil, o aspecto se concentra na oposição pretérito perfeito/preterito imperfecto, correspondendo à oposição entre aspecto perfectivo e imperfectivo. Ambas as formas localizam o evento num tempo anterior ao tempo da enunciação, o que as diferencia é a duração interna da ação nesse tempo, a forma como a situação é apresentada: se completa (pretérito perfeito) ou incompleta (pretérito imperfecto). No entanto as gramáticas normativas do português não tratam dessa concepção, ainda que estudos descritivos de categorias verbais apresentem subsídios para uma abordagem mais concreta para explicar aspecto através dos verbos. A compreensão sistemática da categoria aspecto pode auxiliar, por exemplo, na construção de narrativas (planos discursivos), como é apontado no estudo de Araujo (2011). Baseada nos estudos de Hopper e Thompson (1980), Araujo (2011) chega à seguinte distinção: no que se refere às noções aspectuais associadas aos planos discursivos, há “as situações que expressam aspecto perfectivo atuando, geralmente, como figura, e as que expressam aspecto imperfectivo atuando como fundo na narrativa” (ARAUJO, 2011, p. 19). Então, a escolha entre os tipos aspectuais – perfectivo e imperfectivo – está relacionada ao relevo dado pelo falante, ou seja, o que ele quer dar destaque ou enfatizar na construção da narrativa (HOPPER; THOMPSON, 1980). Se o falante do português quiser optar por centralizar a atenção para a situação como um todo, ele dispõe de uma forma verbal específica, o pretérito perfeito, que expressa aspecto perfectivo, correlacionado à figura. Já se quiser enfatizar os detalhes, o falante dispõe de outra forma verbal, o pretérito imperfecto, que expressa aspecto imperfectivo – fundo (ARAUJO, 2011, p. 19).

Bybee et al. (1994) se baseiam em Comrie (1976) e Dahl (1985 apud BYBEE et al., 1994) para examinarem a marcação de aspecto em diversas línguas. Segundo Bybee et al. (1994), as formas imperfectivas são tipicamente usadas no discurso para configurar as situações de pano de fundo. Os autores referem-se aos sentidos aspectuais específicos que foram úteis para a análise linguística a que se propuseram, definindo-os, como se pode observar no Quadro 1.

Quadro 1: Sumarização aspectual a partir de Bybee et al. (1994, p. 126 - 127)

Progressivo: vê a ação como em andamento no tempo de referência. No inglês, aplica-se a predicados dinâmicos e não estativos.
Contínuo: mais geral que o progressivo, porque pode ser usado em situações progressivas, mas ligado a predicados estativos.
Habitual: refere-se a situações que se repetem comumente em diferentes ocasiões.
Iterativo: descreve um evento que se repete em uma situação particular. A noção de iteração é relevante para os predicados [+ télicos].
Frequentativo: inclui os sentidos habituais, mas especifica que a situação seja frequente durante um período de tempo.
Continuativo: inclui o sentido do progressivo – em que uma situação dinâmica está em curso – e especifica que o agente da ação mantém a ação em curso. Os continuativos apresentam o sentido de “continuar fazendo”.

Dentre os aspectos verbais apresentados por Bybee et al. (1994), tomamos como foco para nossa pesquisa o valor habitual. No que se refere à habitualidade expressa pelas formas imperfectivas, Bybee et al. (1994), assim como Comrie (1976), defendem que uma ação habitual não é basicamente uma ação iterativa, ou seja, uma ação que se repete várias vezes consecutivas. O aspecto habitual recobre uma situação sistematicamente repetida em diferentes ocasiões: presente, passado ou ambas (cf. COMRIE, 1976).

- (4) minha mãe ficou mui- me apoiou bastante “não faça eu acho que você vai gostar” mas ela sempre acreditava que eu ia ser bióloga... não professora bióloga ela sempre... acreditava que eu ia... me dedicar... à área mais de pesquisa laboratório análises clínicas porque o biólogo também... pode exercer esse cargo (f 19)

Em (4), temos valor habitual, uma vez que a situação *ela sempre acreditava* se repete várias vezes, em um intervalo de tempo indeterminado. A forma verbal *acreditava* está no domínio da imperfectividade e denota uma situação passada habitual; o marcador adverbial *sempre*, que sinaliza uma ação codificada em tempo presente, passado ou futuro, neste caso,

apenas reforça a repetição da ação no tempo e, independentemente do que ocorra, o resultado poderá ser o mesmo.

- (5) e... oitenta por cento do curso foi exatamente isso né? que sempre preparou... (hes) o alunos com cálculos... com memorização de fórmulas foi um curso muito voltado pra memorização... de fórmulas memo- (hes) <<aprendimento>> conceitos matemáticos... foi um curso pouco voltado né? realmente para... formação do professor... era mais era cálculo... e... matérias técnicas né? com que a gente nunca iria usar em sala de aula (m 01)

Em (5), também há valor habitual em *sempre preparou*. Neste caso, a habitualidade está expressa pela composição de um modificador aspectual, que reforça o aspecto habitual, mais uma forma simples de pretérito perfeito. Essa junção indica que dado acontecimento tem lugar regularmente em uma linha de tempo, sem dizer respeito a nenhuma das realizações em particular.

Considerando que, como dissemos, o aspecto habitual não é gramaticalizado no português brasileiro, assim como as categorias tempo e modalidade o são, e que é um aspecto que possui perspectivas de análises distintas no âmbito da literatura, faz-se necessário empreendermos uma investigação a fim de delimitar os traços e contextos que propiciam a sua ocorrência. Para tanto fizemos levantamentos de outros estudos que lidam com o aspecto habitual. Travaglia (2006), por exemplo, classifica o valor habitual como uma categoria aspectual, apenas por delinear situações descontínuas ilimitadas (traço de duração); além de tratá-lo como uma ramificação do aspecto iterativo, subdividindo-o em: iterativo simples e iterativo habitual. Borba Costa (2002), por sua vez, discute se é pertinente considerar a habitualidade dentro do plano aspectual. Já autores como Comrie (1976), Bybee et al. (1994), Bertinetto e Lenci (2010), Ilari e Basso (2008), no outro extremo, consideram o valor habitual dentro do domínio do aspecto verbal, evocando outros traços semânticos, e não somente a duração. Estes autores ainda distinguem o aspecto habitual do aspecto iterativo, motivados por diferentes combinações semânticas.

Partindo da ideia de que fenômenos linguísticos derivam de processos cognitivos e de que a comunicação humana ocorre em função das experiências, que envolvem participantes e contextos não homogêneos (BYBEE, 2010), esta pesquisa se propõe a investigar os contextos e traços que propiciam a ocorrência do aspecto habitual no domínio do tempo passado dentro de uma amostra de fala e escrita da comunidade de Itabaiana/SE, a fim de contribuir para descrição do português no agreste de Sergipe, além de contribuir para o

modelo e aplicações para o ensino de língua portuguesa. Assumimos a perspectiva de Bybee (2010), para quem a gramática pode ser analisada em termos de construções que emergem de generalizações feitas sobre ocorrências de expressões linguísticas; assim, os itens mais frequentes servem como base para a formação analógica. A própria língua também muda com base nos processos cognitivos envolvidos na categorização e acesso a informações linguísticas. Bybee (2010) enfatiza que fatores culturais e sociais não podem ser ignorados em um modelo linguístico que é baseado no uso da língua em situações comunicativas reais, por isso fizemos uso dos aspectos sociais que envolvem o fenômeno em análise. Para o estudo que propomos, tomamos como *corpus* de análise as amostras *Falantes Cultos de Itabaiana/SE* (ARAUJO; BARRETO; FREITAG, 2012) e *Banco de Dados de Escrita: Textos Narrativos e Opinativos* (ARAUJO; PEIXOTO; FREITAG, 2012), da comunidade de Itabaiana/SE, vinculados ao Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade (GELINS).

Os objetivos específicos deste trabalho são:

- i) Fazer um levantamento dos estudos acerca do aspecto habitual;
- ii) definir os traços caracterizadores do valor habitual no português;
- iii) categorizar as ocorrências de aspecto habitual no domínio do tempo passado recorrentes na fala e na escrita (em cada um dos tipos textuais em análise), observando a atuação de formas simples e perifrásticas, e expressas pelo pretérito imperfeito e pelo pretérito perfeito;
- iv) analisar e descrever os resultados obtidos, a fim de contribuir para a sistematização do paradigma verbal do português e subsidiar aplicações para o ensino de língua portuguesa.

Para encaminhamento da análise, a organização estrutural do presente estudo segue com o capítulo 1, no qual apresentamos o conceito de aspecto e os estudos que abarcam o aspecto habitual, que é o foco desta investigação. No capítulo 2, reportamos o resultado de uma investigação acerca de como é tratado o valor habitual em compêndios gramaticais do português. Em seguida, no capítulo 3, apresentamos nossa proposta de tratamento para o aspecto habitual, partindo da noção de gradiência aspectual proposta por Bybee et al. (1994). Ainda nesse capítulo, descrevemos as amostras linguísticas, os fatores sociais e linguísticos pertinentes para a nossa investigação. Por conseguinte, apresentamos uma análise, com base no tratamento estatístico, sobre a expressão da habitualidade e as formas que a codificam. Por fim, apresentamos sinteticamente o que foi discutido ao longo da dissertação, apresentando nossas dificuldades e nossas possíveis contribuições para outros estudos acerca do fenômeno.

1 A EXPRESSÃO DO ASPECTO HABITUAL

Neste capítulo, apresentamos o conceito de aspecto e alguns estudos que abarcam o valor habitual, que é o foco desta investigação. Partimos de uma visão composicional de aspecto, com interação entre os componentes gramaticais e lexicais para a sua expressão. Nosso olhar é guiado pelo funcionalismo cognitivista norte-americano (BYBEE, 2010; GIVÓN, 2011), com a noção de gradiência aspectual proposta por Bybee et al. (1994). Na seção subsequente, destacamos a importância dos modificadores aspectuais em uma leitura aspectual. Para tanto, mostramos o papel dos advérbios, que se encontram no nível externo de leitura da aspectualidade. Os advérbios podem agir como um recurso para modificar o valor aspectual obtido no nível de leitura interna. Por fim, fazemos uma retrospectiva de estudos que focam o aspecto habitual, dentro de uma ordem cronológica: Comrie (1976), Bybee et al. (1994), Travaglia (2006), Ilari e Basso (2008) e Bertinetto e Lenci (2010). Ao final, apresentamos um balanço das propostas existentes para o tratamento dessa categoria, com vistas à sua sistematização descritiva.

1.1 A NATUREZA COMPOSICIONAL DO ASPECTO

Partimos da premissa de que a leitura aspectual não depende, somente, da forma verbal (aspecto gramatical), mas de sua interação com outras informações que trazem os outros constituintes do enunciado – aspecto inerente do verbo, modificadores aspectuais – e o próprio contexto (cf. WACHOWICZ, 2003; FREITAG, 2007; BYBEE, 2010). Todos esses operadores linguísticos interagem na composição do domínio aspectual, definindo a leitura aspectual. A seguir, detalhamos cada um deles para que possamos entender de que forma esses componentes atuam para a expressão do aspecto habitual.

1.1.1 Aspecto gramatical

O aspecto gramatical refere-se às distinções aspectuais que são marcadas explicitamente na morfologia, normalmente por auxiliares e/ou morfemas flexionais e derivacionais, podendo ser dependente da referência temporal.

Assumimos a concepção de que o aspecto é uma categoria linguística que marca os diferentes modos de perceber a constituição temporal interna de uma situação (COMRIE, 1976), não tendo relação direta com o ponto dêitico (ponto de fala), por não depender da localização do fato enunciado no tempo. Nos estudos que lidam com o aspecto é comum encontrarmos referências ao que se tem chamado de oposição aspectual básica: perfectivo e imperfectivo (COMRIE, 1976; BORBA COSTA, 2002; CORÔA, 2005; CASTILHO, 2010). O aspecto imperfectivo delinea a estrutura interna da ação, focalizando o desenvolvimento da situação. Já o perfectivo expressa uma ação vista como um todo, não sendo destacadas as possíveis fases que compõem aquela ação. Na perspectiva de Borba Costa (2002), no português, o aspecto se manifesta no binômio pretérito perfeito e pretérito imperfeito, dando-nos a noção de aspecto perfectivo e imperfectivo, respectivamente. Sumarizando:

- i) **Perfectivo** - expressa uma ação vista como um todo, não sendo destacadas as possíveis fases que compõem aquela ação;
- ii) **Imperfectivo** - realça basicamente a estrutura interna da ação; coloca em foco a trajetória do evento considerando também sua realização.

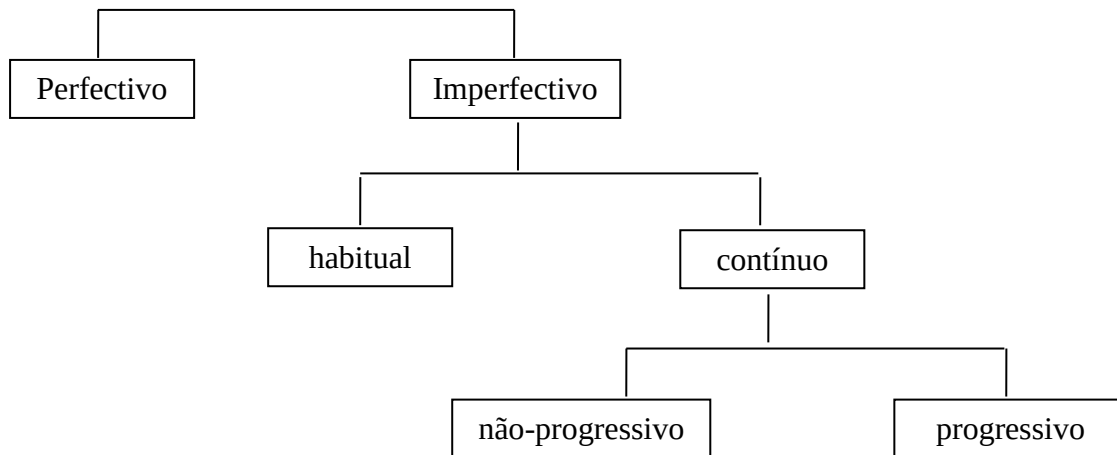
- (6) eu escolhi esse curso porque eu gosto mais da área... de exatas... quando eu estudava no ensino médio das exatas a que eu mais gostava... era química... e por ser um curso que tinha aqui em Itabaiana também... [...] quando eu cursava o ensino médio... eu via que não na escola que eu estudei né? apesar de ser muito grande todos os professores de química... né? nesse tempo eram de outra cidade [...] (f 13)

Em (6), os verbos *estudava* e *estudei* expressam situações que se prolongam no tempo; correspondem a verbos de atividade: não prescindem de um ponto terminal; por isso, o término das ações não é uma condição para que estas sejam tomadas como verdadeiras. No entanto, mesmo sendo lexicalmente codificadores de extensão temporal – por apresentarem o traço [+ durativo] –, o falante optou por marcar o verbo *estudar* ora como um fato em desenvolvimento – *estudava* –, ora como concluso – *estudei*. No primeiro, o morfema de pretérito imperfeito ressalta ainda mais o caráter durativo da situação; já no segundo, o morfema de pretérito perfeito codifica a situação como um bloco acabado. Mesmo a situação sendo inerentemente durativa, o falante escolhe a melhor maneira de expressá-la, ou dando visibilidade à sua temporalidade interna, ou não, apresentando-a de maneira fechada.

Comrie (1976, p. 24-25) diz que muitas línguas têm uma única categoria para expressar aspecto imperfectivo, ao mesmo tempo em que existem outras línguas em que o imperfectivo é subdividido em uma série de categorias distintas. O autor apresenta um

esquema aspectual (Figura 2), demonstrando que o aspecto imperfectivo apresenta algumas ramificações, dentre essas ramificações, a noção de aspecto habitual, objeto desta pesquisa.

Figura 2: Classificação das oposições aspectuais (COMRIE, 1976, p. 25)



No que se refere à habitualidade expressa pelas formas imperfectivas, Comrie (1976, p. 25) defende que uma ação habitual não basicamente é uma ação iterativa, ou seja, uma ação que se repete várias vezes consecutivas, pois o aspecto habitual recobre uma situação sistematicamente repetida em diferentes ocasiões: presente, passada ou ambas.

Na subseção que segue, apresentamos a noção de aspecto inerente, que interage com o aspecto gramatical para culminar no sentido aspectual, nos termos do esquema da Figura 2.

1.1.2 Aspecto inerente

Há diferentes propostas teóricas para lidar com o aspecto inerente; analisamos as que permitem definir o comportamento aspectual mínimo que é relevante para a expressão do aspecto habitual.

Iniciamos com a proposta de classificação de Vendler (1957), que sistematiza grupos de verbos em várias subclasses com base em suas propriedades temporais. A ideia de Vendler (1957, p. 123) é a de que o uso do verbo pode sugerir uma maneira particular de como tal verbo pressupõe e envolve a noção de tempo. O autor mostra que, se focarmos a nossa atenção, principalmente, sobre os esquemas de tempo pressupostos por vários verbos, seremos capazes de lançar luz sobre algumas das obscuridades que ainda permanecem sobre esses assuntos. Esses esquemas de tempo são componentes importantes, pois a proposta vendleriana

(1957) parte do princípio de que as noções vinculadas pelos verbos ultrapassam a mera codificação temporal centrada na distinção entre presente, passado e futuro. Segundo o autor, existem outras propriedades mais sutis, visto que estas podem sugerir a maneira particular de como o verbo pressupõe e envolve a noção de tempo – entendido enquanto tempo físico. Assim, as expressões verbais realizam diferentes esquemas de tempo que podem ser depreendidos da seguinte divisão: estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*.

Vendler (1957) inicia sua abordagem apresentando a distinção entre verbos que têm tempos contínuos e verbos que não o têm. Primeiro, o autor concentra a nossa atenção sobre o grupo de verbos que admitem tempos contínuos. Para tanto, ele apresenta exemplos bastante didáticos e por isso recorreremos a eles. Se dissermos que é verdade que alguém está correndo ou empurrando um carrinho em um determinado momento, então, mesmo que este alguém pare no momento seguinte, será ainda verdade que ele empurrou o carro; no entanto não temos nenhuma pista dos limites dessas ações. Por outro lado, mesmo se dissermos que é verdade que alguém está desenhando um círculo ou está correndo uma milha, se este alguém para no momento seguinte, pode não ser verdade que ele desenhou um círculo ou que executou a corrida completa. Em outras palavras, se alguém para de correr uma milha, não correu uma milha, se alguém para de desenhar um círculo, não desenhou um círculo. Mas alguém que para de correr correu e alguém que deixa de empurrar o carrinho, mesmo assim, empurrou o carrinho. Correr uma milha e desenhar um círculo têm que ser ações terminadas, pois não faz sentido falar de acabamento de correr ou de empurrar um carrinho. Assim, vemos que correr e empurrar um carrinho não têm ponto final definido; já correr uma milha e desenhar um círculo têm um “clímax” que tem de ser alcançado para que as ações de fato aconteçam. Então, o primeiro tipo de verbo expresso por “correr” e “empurrar um carrinho”, e assim por diante, é de atividade e o segundo tipo “correr uma milha” e “desenhar um círculo”, e assim por diante, é de *accomplishment* (VENDLER, 1957, p.145-146).

Depois de explicado o grupo de verbos que admitem continuidade, Vendler (1957) apresenta o grupo de verbos que não admitem a continuidade/processo. Verbos como “conhecer” e “reconhecer” não indicam processos em curso no momento, mas eles podem ser predicado de um sujeito por um determinado tempo com a verdade ou falsidade. Agora, alguns desses verbos podem ser baseados apenas para momentos únicos de tempo (estritamente falando), enquanto outros podem ser ditos por períodos de tempo mais curtos ou mais longos. Por exemplo, *alcançar o topo da montanha*, *vencer a corrida*, *reconhecer*

alguma coisa, e assim por diante, dizem respeito a momentos de tempo únicos. Por outro lado, o ato de amar alguém ou acreditar em algo são situações que podem ocorrer em um período curto ou longo. Vendler (1957) conceitua o primeiro da família (*alcançar o topo da montanha*) de *achievement* e o segundo (*amar alguém*) de estado. Então, podemos dizer que *achievements* ocorrem em um único momento, ao passo que estados duram um período de tempo.

Vendler (1957, p. 149) apresenta quatro esquemas temporais predicados pelos verbos. Vejamos:

- Para as atividades: “A estava correndo no momento t” significa que o instante de tempo t é em um trecho de tempo durante o qual A estava correndo. Sendo assim, em qualquer subintervalo de t, A está correndo.
- Para *accomplishments*: “A estava desenhando um círculo em t” significa que t é o trecho de tempo em que A desenhou esse círculo.
- Para *achievements*: “A ganhou uma corrida entre t1 e t2” significa que o instante de tempo em que A ganhou a corrida é entre t1 e t2.
- Para estados: “A amou B durante um intervalo de tempo I” significa que em qualquer subintervalo de I, A amou B.

Segundo Vendler (1957, p. 149), o conceito de *atividades*, denominado por períodos de tempo, não é único ou definitivo. *Accomplishments*, por outro lado, implicam a noção de períodos de tempo únicos e definidos. De forma análoga, enquanto *achievements* envolvem instantes únicos e definitivos, os estados envolvem instantes em sentido indefinido e não exclusivo. Em resumo, essa é a forma como Vendler (1957) apresenta as classes acionais, referidas por ele como classes de verbos ou esquemas temporais predicados pelos verbos. É importante reiterar que Vendler (1957) afirma que a diferença entre uma e outra classe não pode ser explicada em termos de tempo somente (presente, passado e futuro). Outros fatores, como “presença ou ausência de objeto, condições, estados de coisas pretendidos, também entram em cena” (VENDLER, 1957, p. 97).

A tradição vendleriana é retomada por outros autores que buscaram refiná-la em termos de traços aspectuais. Rothstein (2004 apud FREITAG, 2007), por exemplo, subcategoriza as classes acionais de Vendler (1957) em dois traços, a saber: [$\pm$ fases] e [$\pm$ télico] a partir do ponto télico, ponto de culminação. Essa recategorização redireciona um novo agrupamento das classes acionais: estados e atividades seriam [- télicos], por não apresentarem um ponto terminal; enquanto *accomplishment* e *achievement* seriam [+ télicos]

– tendem a um ponto final. Essa proposta instancia uma convergência entre verbos atélcos (estados e atividades) > imperfectividade e verbos télcos (*accomplishment* e *achievement*) > perfectividade.

Bertinetto (2001) também apresenta uma proposta que visa a desfazer a aparente redundância da codificação aspectual, estabelecendo os domínios aspectuais de cada uma das categorias. O autor retoma a classificação vendleriana e propõe o desdobramento das classes acionais em três propriedades aspectuais que interagem entre si: *duratividade*, *dinamicidade* e *homogeneidade*. O controle dos traços de Bertinetto (2001) tem por objetivo refinar o controle dos tipos de verbo de Vendler (1957).

A propriedade da duratividade diferencia as situações quanto à duração que elas apresentam. Segundo Bertinetto (2001), a noção de [- durativo], como no caso dos *achievements*, deve ser interpretada em um sentido estritamente operacional, isso porque, literalmente falando, qualquer situação tem certa quantidade de tempo físico para ocorrer. A diferença estabelecida pelo traço [$\pm$ durativo] distingue os *achievements* das demais classes acionais. Para melhor explicar essa questão, tomemos o exemplo apresentado por Bertinetto (2001):

(7) John chegou ao topo da montanha ao meio-dia (BERTINETTO, 2001, p. 179).

(8) John escreveu a dissertação às 5 horas, na terça-feira passada (BERTINETTO, 2001, p. 179).

É fato que podemos dizer o enunciado (7), pois sugere que o próprio evento de chegar ao topo ocorreu justamente naquele momento. No entanto, segundo Bertinetto (2001), essa interpretação não se faz condizente com situações do tipo (8), uma vez que o ato de escrever uma dissertação só se realiza por etapas, ou seja, faz-se necessário uma duração de tempo para que seja finalizada, então (8) pode, no máximo, indicar (dependendo da situação) o limite inicial ou final da situação.

Além da propriedade da duratividade, Bertinetto (2001) utiliza as propriedades de homogeneidade e dinamicidade. A propriedade da homogeneidade refere-se à ausência de um limite interno inerente à situação. Com homogeneidade, o autor exprime a propriedade que as eventualidades têm de possuírem subintervalos. Isso equivale à distinção, que se revelará importante para a distinção entre télco e atélco (essa distinção também fora proposta por Rothstein (2004 apud FREITAG, 2007)), estabelecendo uma oposição entre *achievements* e *accomplishments* versus atividades e estados, respectivamente. Assim, eventos atélcos são

aqueles que não apresentam mudanças, pois são caracterizados por possuírem a propriedade subintervalos, pela qual se entende que, se uma situação *x* ocorreu em um determinado intervalo de tempo *y*, significa que ela ocorreu em todos os subintervalos de *y*. Já as situações télicas se encaminham para um ponto terminal denotando a sua culminância; elas não permanecem, mudam de natureza no momento em que atingem o ponto final da realização. Atividades e estados são [+ homogêneos], atélicos, enquanto *achievements* e *accomplishments* são [- homogêneos], télicos.

A dinamicidade, por sua vez, tem a ver com a noção de desenvolvimento interno. Situações estativas, por não apresentarem desenvolvimento interno, são [– dinâmicas], diferentemente de atividades, *achievements* e *accomplishments*, que portam o traço [+ dinâmico], havendo, portanto, uma oposição dicotômica entre situações estáticas e dinâmicas. Bertinetto (2001) opta por demarcar a distinção tomando como base a noção de “átomo dinâmico”. A sequência mínima instanciando um evento dinâmico pode ser denominada de “átomo dinâmico”; por analogia, estados são compostos por “átomos estáticos”. Há, porém, uma diferença entre os átomos dinâmicos e estáticos. Os dinâmicos correspondem à granularidade mínima permitida por dado evento; por consequência, eles não são indefinidamente divisíveis. E os estativos, por sua vez, podem ser subdivididos – dado que os estados não têm granularidade – e, idealmente, correspondem a uma porção mínima de tempo infinito. Eventos durativos consistem em um conjunto de átomos (estático ou dinâmico, tal como requerido), enquanto que os não-durativos, isto é, os *achievements* idealmente, consistem de um único átomo dinâmico. No entanto, devido ao fato de *achievements* codificarem situações [- homogêneas], além do átomo dinâmico, eles também apresentam um átomo estático, instanciando o *télos* atingido pela conclusão da situação. De forma semelhante, *accomplishments* também envolvem um átomo estático – propriedade que os diferencia de atividades –, além de um conjunto de átomos dinâmicos.

Assim, Bertinetto (2001) define as classes acionais a partir dessas três propriedades combinadas aos valores [±] (Quadro 2):

Quadro 2: Propriedades das classes aspectuais (BERTINETTO, 2001, p. 178)

	<i>Durativo</i>	<i>Dinâmico</i>	<i>Homogêneo</i>
<i>Estados</i>	+	-	+
<i>Atividades</i>	+	+	+
<i>Achievements</i>	-	+	-
<i>Accomplishments</i>	+	+	-

Bertinetto (2001) acrescenta que a atribuição de um dado predicado para uma classe acional é sujeita, pelo menos, a duas condições. Primeiro, o predicado deve ser entendido como uma estrutura argumental, ou seja, como um predicado com seus argumentos. Na verdade, é evidente que, enquanto *desenhar* é sempre uma atividade, *desenhar um círculo* é um *accomplishment*. Assim, com uma primeira aproximação, pode-se dizer que o significado de realização deve ser entendido como se referindo ao conjunto de contextos em que esse predicado aparece em conjunção com um objeto direto. No entanto este não é o suficiente. Por isso, Bertinetto (2001) nos apresenta a segunda condição: a natureza da frase determinante que ocupa as posições argumentais relevantes. As características importantes são, neste caso, [$\pm$ determinado] e [$\pm$ plural]. Enquanto *desenhar um/três/vários círculo(s)* é um *accomplishment*, *desenhar círculos* é novamente uma atividade.

A proposta de Bertinetto (2001) permite trabalhar com as classes vendlerianas, sem perder de vista o que há por trás delas, pois possibilita, quando necessário, refinar o controle dos tipos propostos por Vendler (1957), de modo a verificar qual a menor unidade significativa que determina os valores aspectuais dos enunciados com valor habitual. Tal abordagem foi utilizada por Freitag (2007), ao tratar do aspecto imperfectivo no português – o habitual é um dos subdomínios do imperfectivo, conforme aponta Comrie (1976) –, e permite a articulação composicional do aspecto.

1.1.3 Marcadores aspectuais

Como já foi explicitado no preâmbulo deste capítulo, partimos da premissa de que a leitura aspectual não depende, somente, da forma verbal (aspecto gramatical), mas de sua interação com outras informações que trazem os outros constituintes do enunciado – aspecto inerente do verbo, modificadores aspectuais e o próprio contexto (cf. WACHOWICZ, 2003; FREITAG, 2007; BYBEE, 2010). Dentre os modificadores aspectuais, destacamos o papel dos advérbios, que se encontram no nível externo de leitura da aspectualidade. Os advérbios podem agir como um recurso para modificar o valor aspectual obtido no nível de leitura interna.

Borba Costa (2002) trata do advérbio *sempre*, na seção sobre circunstanciais de frequência, afirmando que “o circunstancial *sempre*, cujo significado o inclui na área da habitualidade, tem um valor aspectual perfectivo” (BORBA COSTA, 2002, p. 83). Mesmo

defendendo que a habitualidade, tal como a iteração, não se constitui em aspecto – isso porque para ela são fatos verbais “que se distribuem no tempo, e aí já escapamos da constituição temporal interna” (BORBA COSTA, 2002, p. 27) –, a autora diz ser necessário levar em consideração uma análise mais atenciosa da relação entre o *sempre* e determinada forma verbal (pretérito imperfeito/pretérito perfeito), observando a presença do traço semântico habitualidade. Segundo Borba Costa (2002), nesse viés de análise, há uma possibilidade de o habitual ser visto como um processo em desenvolvimento, o que então, para ela, constitui-se em aspecto.

Travaglia (2006) traz uma seção em que fala sobre os adjuntos adverbiais, que, para ele, quando envolvidos na noção aspectual, terão três funções:

- i) Evitar ambiguidade;
- ii) marcar o aspecto por si ou em combinação com outros elementos;
- iii) reforçar um aspecto expresso por outro elemento, tornando-o mais patente (TRAVAGLIA, 2006, p. 231).

Segundo o autor, os adjuntos adverbiais *sempre*, *todos os dias*, *normalmente*, *etc.*, por indicarem frequência, estão normalmente relacionados ao aspecto habitual, eventualmente, à expressão do iterativo, isso quando “em combinação com o presente e pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo” (TRAVAGLIA, 2006, p. 232).

No que se refere ao advérbio *sempre*, Travaglia (2006) apresenta os seguintes exemplos para mostrar a sua função de evitar ambiguidades:

(9) Ele **falava** às dez horas. (TRAVAGLIA, 2006, p. 124)

O exemplo (9) pode ter duas interpretações aspectuais: uma durativa e a outra habitual. Já em (10), pelo acréscimo do *sempre*, a ambiguidade é desfeita, sendo o habitual a única interpretação possível.

(10) Ele **sempre falava** às dez horas. (TRAVAGLIA, 2006, p. 124)

Segundo Travaglia (2006), o *sempre* também pode desempenhar o papel de marcar o aspecto por si mesmo, como em:

(11) Aquele menino **sempre desobedeceu** aos pais. (TRAVAGLIA, 2006, p. 123)

Em (11), o aspecto habitual é atualizado pelo emprego do *sempre*; se o retiramos da frase, a leitura aspectual passa a não apresentar mais a habitualidade.

Rodrigues (2009), em sua dissertação sobre os valores aspectuais do *sempre*, diz que são quatro os valores associados ao *sempre*: o cursivo, o habitual, o acabado e o não-acabado. Quando o *sempre* atualiza uma leitura habitual, “diz respeito à interpretação aspectual quantitativa, em que a situação expressa no enunciado é vista como se repetindo indeterminadamente (não se sabe quantas vezes) ao longo de um dado intervalo de tempo” (RODRIGUES, 2009, p. 61). Partindo de uma leitura composicional do aspecto, Rodrigues (2009) chega a algumas sistematizações do emprego do *sempre*, gerando uma leitura habitual, dentre as quais: *sempre* + qualquer tipo de predicado + PI / *sempre* + predicado não estativo + PP / *sempre* + predicado estativo + PP + adjunto quantificador atualizam o aspecto habitual (RODRIGUES, 2009, p. 99).

Diante das colocações de Borba Costa (2002), Travaglia (2006) e Rodrigues (2009), observamos que os modificadores aspectuais, como, por exemplo, o *sempre*, são um dos elementos responsáveis por atribuir aspectualidade ao enunciado. Por isso, para nossa pesquisa, é viável a descrição de como ele interage com outros marcadores aspectuais, porque ficou comprovado que o *sempre* participa da atualização do aspecto habitual.

1.2 O ASPECTO HABITUAL

O olhar dado ao aspecto habitual segue a abordagem do funcionalismo cognitivista norte-americano (cf. BYBEE, 2010; GIVÓN, 2011), que concebe a gramática como emergente e probabilística; um sistema adaptativo, emergente, cujas regras são motivadas no contexto comunicativo, baseadas em estratégias e princípios de uso. Na perspectiva funcionalista, a língua é concebida como instrumento de interação social cuja função é estabelecer relações comunicativas entre os usuários da língua. É por meio da língua que o falante desenvolve competência comunicativa. De acordo com Bybee (2010), os fenômenos estruturais observados nas gramáticas das línguas podem derivar dos processos cognitivos do domínio geral, enquanto operam nas múltiplas instâncias do uso linguístico. Então, é preciso pensar a língua como afetada pelo uso e com o impacto da experiência no sistema cognitivo.

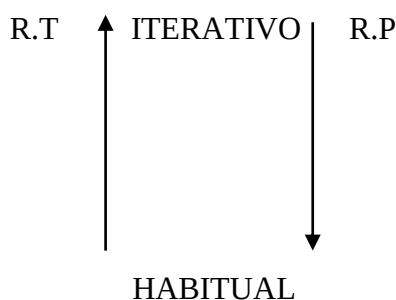
Sendo a língua uma estrutura mental em constante uso e afetada por atividades processuais que mudam, nela podem existir, então, variação ou gradiência no mesmo processo (BYBEE, 2010). Para o aspecto habitual, Bybee et al. (1994) propõem a trajetória de gradiência da Figura 3.

Figura 3: Gradiência da habitualidade (BYBEE et al., 1994, p. 170)

ITERATIVO > FREQUENTATIVO > HABITUAL

Note-se que os desenvolvimentos semânticos evidenciados nessa trajetória são totalmente suportados pela distinção formal entre reduplicação total e parcial; o número total (R.T) de reduplicações diminui para a direção direita das vias e o número de reduplicação parcial (R.P) aumenta para a o lado esquerdo das vias (Figura 4). Assim, o aspecto habitual é a extensão do aspecto frequentativo (BYBEE et al., 1994), porque, quanto maior a reduplicação da situação, de modo que não se possa contar o número exato, mais há a presença do aspecto habitual.

Figura 4: Processo de reduplicação (BYBEE et al., 1994)



Para Bybee et al. (1994, p. 11), o processo de gradiência (e, por conseguinte, a leitura aspectual) se faz através da construção inteira, e não simplesmente do significado lexical do verbo, que é o precursor e, portanto, a fonte do significado gramatical. No tocante à categoria aspecto, esse processo está correlacionado com a composição aspectual: lexical > gramatical > contextual; a leitura final de determinado aspecto depende, assim como Bybee et al. (1994) colocam, da construção inteira, uma leitura composicional: as informações que trazem os outros constituintes (sujeito, complemento e expressões adverbiais) também influenciam na leitura aspectual.

Para Bybee et al. (1994), o habitual descreve uma situação que é repetida em uma ocasião particular e as noções de repetição são particularmente codificadas pelo traço [-tético] – que não apresenta um ponto final bem definido. Sendo assim, o aspecto habitual está sujeito a restrições lexicais, tendo, portanto, um significado aspectual bastante específico. Todavia, embora a noção de repetição se aplique melhor a situações que ocorrem dentro de

um único ciclo, ou seja, a uma situação que tem início, meio e fim inerentes, como ‘piscar’, ‘bater’, o valor habitual se aplica a situações que descrevem ciclos múltiplos e, nesse sentido, a codificação do aspecto habitual recebe um sentido adicional de continuidade, decorrente do aspecto continuativo: a situação começa, atinge um ponto final e continua a se repetir. Além do continuativo, o habitual também mantém uma conexão semântica com o aspecto frequentativo, visto que a frequência da situação ocorre em múltiplas ocasiões durante um período de tempo específico. Observemos exemplos apresentados por Bybee et al. (1994) para explicar o aspecto habitual:

(12) Cães **ofegam** para se refrescarem. (BYBEE et al., 1994, p. 152)

(13) Meu cão **ofega** para se refrescar. (BYBEE et al., 1994, p. 152)

Em (12) e (13) há a caracterização/declarações sobre o tema, cuja validade se estende por mais do que o momento atual da fala. Bybee et al. (1994) complementam que uma leitura habitual, por apresentar traço [+ dinâmico], cobre muitos casos diferentes de uma mesma situação, assim como ocorre no aspecto iterativo.

Por meio de análise de usos linguísticos nas línguas crioulas, Bybee et al. (1994) sugerem que, apesar de existirem caminhos para o desenvolvimento de aspecto habitual geral (todos os domínios temporais) e de aspecto habitual anterior (somente no domínio do passado), nenhum caminho gramaticalizado conduz a um rigor para o aspecto habitual no tempo presente. Para os autores, a única maneira de chegar a um presente habitual é através do desenvolvimento de uma progressiva que corta parte de um presente original mais geral e deixa o presente habitual como uma leitura padrão (BYBEE et al., 1994, p. 152); por isso, o aspecto deve ser estudado dentro de uma gradiência, pois somente o léxico do verbo não explicita a que aspecto a situação reporta; para falar explicitamente sobre situações habituais ou em andamento no passado, é preciso adicionar elementos extras em sua expressão, daí a necessidade de observar a gramaticalização do passado habitual e progressivo. Nos casos em que esses valores aspectuais ocorrem em línguas com tempo obrigatório, o aspecto habitual co-ocorre com os marcadores de tempo, como no Cocama⁴. Em línguas sem tempo

⁴ É uma cidade americana situada no estado de Indiana.

obrigatório, o habitual ocorre em todos os contextos temporais, como em Inuit⁵ (BYBEE et al. 1994).

Depois de analisar línguas crioulas, Bybee et al. (1994) mostram que existem fontes lexicais para o aspecto habitual, encontradas na amostra, como, por exemplo, dois verbos lexicais que servem como fontes para auxiliares habituais e, eventualmente, para afixos, “viver” e “saber”, como em (14).

(14) Eu **vivia trabalhando** em um barco. (BYBEE et al., 1994, p. 155)

Os autores ainda constatarem que o aspecto habitual é o significado aspectual mais comumente associado à reduplicação parcial do verbo. Porém os autores advertem que é um caso específico e que não deve ser tomado de forma universal, uma vez que, em línguas como o português, a simples repetição do verbo não parece ser fator determinante para a codificação do valor habitual, é necessária a interveniência de outros recursos gramaticais, que juntos atualizam a habitualidade.

Diante das noções apresentadas por Bybee et al. (1994) sobre o aspecto habitual, vimos que, de modo geral, existem duas definições que recobrem o mesmo fenômeno: pode ter como critério a delimitação temporal ou não, isto é, a repetição pode ter suas fronteiras finais determinadas; ou continuar acontecendo sem que haja necessariamente uma previsão para que ela pare de ocorrer. Além disso, nota-se que, embora alguns elementos sintáticos sejam referenciados como impulsionadores da habitualidade, não há uma sistematização destes que possa servir de base para uma caracterização mais precisa.

Comrie (1976) traz uma discussão em torno do aspecto habitual. Segundo o autor, quando se fala em habitualidade, presume-se que, necessariamente, tem o mesmo valor que iteratividade, ou seja, a repetição de uma situação, a ocorrência sucessiva de várias instâncias de uma dada situação (COMRIE, 1976, p. 27). No entanto tal discussão, segundo o autor, é enganadora em dois sentidos. Primeiramente, porque a interpretação da habitualidade não deve estar limitada à repetição de determinado evento em dada situação: é possível ter um item lexical que expressa frequência inserido em um enunciado sem necessariamente ocorrer a atualização do aspecto habitual. Se uma situação é repetida um número limitado de vezes, em seguida, todos esses exemplos da situação podem ser vistos como uma única situação

⁵ A Língua inuíte é tradicionalmente falada na região do Ártico na América do Norte, também no Sub-Ártico do Labrador. Também é falada no extremo leste da Rússia, em especial nas ilhas Diomedes.

(COMRIE, 1976, p. 27). O autor nos apresenta a seguinte situação para explicar melhor esta questão: imaginemos, por exemplo, uma cena em que um professor se levanta, tosse cinco vezes e, em seguida, continua sua palestra. No inglês, isso poderia ser descrito conforme (15).

- (15) The lecturer stood up, coughed five times, and said ... [O professor levantou-se, tossiu 5 vezes, e disse ...] (COMRIE, 1976, p. 27)

A mera repetição quantificadora de *tossir cinco vezes* não acionou o aspecto habitual. Comrie (1976) ainda acrescenta que, no inglês, não seria possível utilizar uma forma especificamente habitual, indicando costume do professor, como, por exemplo, em (16).

- (16) *The lecturer stood up, used to cough five times, and said . . . [* O professor levantou-se, usualmente para tossir 5 vezes, e disse. . .] (COMRIE, 1976, p. 27)

Em segundo lugar, também é possível que se interprete o valor habitual em um enunciado que não indique qualquer frequência ou repetição. Para explicar essa situação, Comrie (1976) apresenta o exemplo (17):

- (17) The Temple of Diana used to stand at Ephesus. [O Templo de Diana costumava ficar em Éfeso.] (COMRIE, 1976, p. 27)

Em (17), não há nenhuma sugestão precisa de que houve várias ocasiões em que o templo estava em Éfeso, com intercalados períodos; com essa frase, a interpretação natural é que o templo estava em Éfeso ao longo de um determinado tempo (período único), sem intervalos (repetições). Em outras palavras, não há, necessariamente, a implicação de que o Templo de Diana tenha estado em Éfeso por diversas vezes de forma repetitiva. Logo, segundo Comrie (1976), a perífrase *used to stand* não é indício para a afirmação de que o aspecto habitual esteja atualizado na sentença. A mesma interpretação seria feita mesmo se adicionássemos o advérbio ‘always’ (sempre) na oração, em (18):

- (18) The Temple of Diana always stood at Ephesus. [O Templo de Diana sempre esteve em Éfeso].

Isso acontece porque a interpretação se deve mais ao fato de o verbo *stood*, neste exemplo, não codificar diversos estados (qualidades, características ou estadias) temporários e repetidos por *Temple*, impossibilitando a interpretação pragmática de que diversos “Templos de Diana” foram construídos, destruídos e reconstruídos na mesma cidade; portanto a habitualidade não poderia ser considerada aqui. Já em (19) e (20), para Comrie (1976, p. 27),

há atualização do aspecto habitual por se tratar de situações de longa duração e que se repetiriam a cada novo dia.

(19) Simon used to believe in ghosts. [Simon costumava acreditar em fantasmas.] (COMRIE, 1976, p. 27)

(20) Jones used to live in Patagonia. [Jones vivia na Patagônia.] (COMRIE, 1976, p. 27)

Em relação à noção de período prolongado de tempo ou não, na perspectiva de Comrie (1976), o aspecto habitual, em vez de ser uma situação acidental, é uma noção conceitual e também não se vale somente de aspectos linguísticos, como pode ser ilustrado em (21):

(21) Sally used to throw stones at my window in the morning. [Sally costumava atirar pedras na minha janela na parte da manhã.] (COMRIE, 1976, p. 28)

Em (21), se claramente Sally atirou pedras duas ou três vezes apenas, o enunciado não é habitual; no entanto, se durante um período de vários anos, ela atirou pedras na janela todas as manhãs, tem-se a atualização do aspecto habitual. Em outras palavras, uma vez que nós decidimos que algo constitui uma situação característica, somos livres para usar uma forma explicitamente habitual para descrevê-la; assim, a decisão de que uma situação é característica não é em si linguística (COMRIE, 1976, p. 28).

Pela distinção entre habitualidade e iteratividade, verificamos que, para Comrie (1976), a característica comum ao aspecto habitual é: delinear situações que são características de um período de tempo extenso, tão extenso que a situação a que se refere é vista não como uma propriedade acidental do momento, mais precisamente como um traço característico de um período completo. Na perspectiva de Comrie (1976), o que vai delimitar o aspecto habitual não são, somente, as repetições, mas sim a duração da situação. Assim, uma situação particularmente habitual é aquela que pode ser prolongada indefinidamente no tempo, por isso não há necessariamente de ser envolvido o valor iterativo nessa noção aspectual, como no exemplo (15), uma vez que qualquer situação pode ser prolongada no tempo, ou mesmo pode ser repetida um número suficiente de vezes ao longo de um período de tempo, o que significa, na prática, que qualquer situação pode ser expressa como uma situação habitual, a depender da escolha do falante. A habitualidade, em princípio, pode ser combinada com vários outros valores aspectuais semânticos (leitura composicional do aspecto), especificamente adequados para o tipo de situação que se prolonga ou é iterada (COMRIE,

1976, p. 30). Sendo assim, se a estrutura formal da linguagem permite combinação de marcadores aspectuais, então esses valores aspectuais podem ter formas que dão expressão aberta tanto para a habitualidade como para algum outro valor aspectual. Segundo Comrie (1976), o habitual pode manter uma conexão semântica com o aspecto progressivo, isso em algumas línguas, como, por exemplo, no inglês, ou seja, nesta língua o aspecto habitual pode combinar-se livremente com o aspecto progressivo. Em suma, para Comrie (1976), assim como outros valores aspectuais, a habitualidade é um domínio aspectual distinto e motivado por diferentes combinações semânticas.

Vejamos abordagens específicas para o português. Para compor a definição sobre o aspecto habitual, Travaglia (2006) parte da noção aspectual de duração, apresentando-a como opositiva a pontualidade, uma vez que esta denota situações instantâneas, cujos início e fim ocorrem simultaneamente, ou em intervalos de tempo tão curtos que a situação é apresentada de forma pontual. Para o autor, a duração pode ser:

- i) **limitada** – quando se indica seu início, seu término ou “o valor de duração”, ou também, mesmo que não se tenha qualquer referência explícita, a situação é sentida como tendo uma duração finita;
- ii) **ilimitada** – as fronteiras iniciais e finais da situação são desconhecidas; tem-se, pois, a duração ilimitada quando se estende no presente, no passado e no futuro;
- iii) **contínua** – quando a duração ocorre sem qualquer interrupção temporal;
- iv) **descontínua** – quando a duração da situação sofre interrupções, isto é, há uma ruptura da continuidade da situação no tempo, o que gera a noção de repetição. (TRAVAGLIA, 2006, p. 43)

Segundo Travaglia (2006), a repetição representa uma coleção de situações. A existência da repetição deve-se ao fato de ocorrerem interrupções no tempo em que as situações ocorrem.

Para definir o que vem a ser aspecto habitual, Travaglia (2006) se vale de dois dos tipos de duração apresentados acima: “o habitual é o aspecto que apresenta a situação como tendo duração descontínua ilimitada” (TRAVAGLIA, 2006, p. 82). Assim, há o aspecto habitual quando nos deparamos com uma situação que tem sua duração interrompida no tempo provocando a ideia de repetição, a qual possui suas fronteiras iniciais e finais desconhecidas; dessa forma, recorre uma situação sistematicamente repetida em diferentes ocasiões: presente, passado, ou ambos.

No tópico sobre duração descontínua, Travaglia (2006) traz uma discussão acerca do traço de repetição, embutido no aspecto habitual. Segundo o autor, quando a repetição é inconsciente e automática se torna hábito e é “no hábito que a repetição parece ser mais regular, constante, não havendo falhas nas repetições da situação” (TRAVAGLIA, 2006, p. 45). Para o autor, os adjuntos adverbiais totalizadores também colaboram para a marcação da repetição no aspecto habitual. Mesmo não deixando explícito no texto, compreendemos que Travaglia (2006) compactua com a visão de aspecto composicional.

Continuando com a explicação de repetição, Travaglia (2006) nos apresenta a noção de iteração e a subdivide em: *iteração simples* e *iteração habitual*. Nesta, a duração é ilimitada, já na *iteração simples* a duração é limitada. Segundo ele, a iteração tanto de situações pontuais quanto durativas pode ser visualizada como uma única situação. Nessa perspectiva, as situações se repetem apresentando-se como únicas e durativas. Logo a descontinuidade pode ser limitada – *iteração simples* – ou ilimitada – *iteração habitual*. Para justificar a subdivisão, Travaglia (2006) apresenta exemplos. Vejamos:

(22) De tempos em tempos **explodia** uma bomba. (TRAVAGLIA, 2006, p. 44 – iteração simples)

(23) Sempre **acordo** às 6 horas. (TRAVAGLIA, 2006, p. 44 – iteração habitual)

Retomando a explicação dada por Travaglia (2006) na distinção dos dois tipos de iteração, vemos que esta se centra no limite temporal; assim, o habitual tem duração ilimitada e o iterativo simples possui fronteiras temporais claramente definidas. Observando o exemplo (22), vemos que há uma predicação pontual, isto é, não durativa e que os limites temporais iniciais e finais ocorrem simultaneamente. Não é possível imaginarmos que a bomba passa algum tempo explodindo; neste caso, o valor iterativo simples é acionado por meio de operadores linguísticos específicos que, quando combinados, ativam o valor iterativo, ou seja, o tipo de predicado pontual associado ao morfema de imperfeito, conjunto de traços que impulsiona a interpretação iterativa. Vê-se a expressão do iterativo a partir do exemplo citado, mas que não é recoberta pela definição que fora aplicada; se a repetição concerne a uma duração descontínua, no sentido de que há uma ruptura da duração, então predicados pontuais jamais codificariam aspecto iterativo.

Já o exemplo (23) é apresentado pelo autor como uma situação iterativa habitual. Primeiramente devemos lembrar que o habitual e o iterativo são dois domínios aspectuais

distintos motivados por diferentes combinações semânticas, logo não é pertinente prever uma *iteração habitual*. Assim sendo, o exemplo (23) aciona o aspecto habitual, ou seja, há uma ação executada por uma pessoa habitualmente às 6 horas; o limite temporal não é limitado, podendo a ação se estender no presente, passado e futuro. Isso é delimitado também pela presença do modificador aspectual *sempre*. Vemos, pois, que os exemplos dados por Travaglia (2006) não condizem com a própria distinção feita pelo autor no que se refere aos aspectos habitual e iterativo⁶.

Retomando a questão da frequência da repetição, Travaglia (2006) mostra que esta é marcada por adjuntos adverbiais, os quais atuam como totalizadores da repetição (regularizando a repetição), tais como: ‘todos os dias’, ‘todas as noites’, ‘sempre’ etc. Mesmo que essa informação seja válida dentro de uma leitura aspectual habitual, destacamos que o adjunto adverbial totalizador não é o único recurso linguístico utilizado para a expressão da habitualidade, visto que a atualização do aspecto habitual, e da categoria aspecto como um todo, não ocorre mediante a utilização de um operador linguístico, mas a partir da integração dos constituintes que integram todo o predicado verbal.

Ilari e Basso (2008), ao definirem o aspecto habitual, partem da noção de macroevento – quadro temporal mais amplo – e microevento – cada evento integrante do macroevento. Para os autores, o aspecto habitual funciona, simultaneamente, por meio desses dois níveis. O macroevento traz a noção de imperfectividade para o aspecto habitual, por isso não sabemos se haverá novas fases em uma determinada situação habitual. Já os microeventos são tratados no âmbito da perfectividade, pois não é possível medir a duração da situação. Vejamos os exemplos apresentados pelos autores para explicar as noções de macro/microeventos:

- (24) O guarda Belo faz até hoje a ronda da Casa da Moeda. Durante 30 anos fez essa ronda em 17 minutos, mas ontem depois de ter sonhado com o Chupa-cabra ele fez em 15 minutos. (ILARI; BASSO, 2008, p. 293)

Segundo Ilari e Basso (2008), *fazer a ronda da Casa da Moeda* é o macroevento, constituído por microeventos, no caso as rondas particulares, que podem variar em termos de duração. Os autores definem assim aspecto habitual: “a ocorrência repetida de um evento durante um certo período de tempo, quando essa ocorrência repetida é tomada como uma

⁶ A distinção dada por Travaglia (2006) entre iterativo e habitual é a duração descontínua limitada e descontínua ilimitada.

característica inerente desse período de tempo” (ILARI; BASSO, 2008, p. 291), como em (25):

- (25) A janela bate sempre que venta. (ILARI; BASSO, 2008, p. 291)

Ainda na discussão sobre o aspecto habitual, Ilari e Basso (2008) apresentam outros exemplos e discutem a correlação entre perfectividade e quantidade determinada de situações. Vejamos:

- (26) (?) João nos **visitava** três vezes **durante o verão passado**. (ILARI; BASSO, 2008, p. 292)

- (27) João nos **visitou** três vezes **durante o verão passado**. (ILARI; BASSO, 2008, p. 292)

Para os autores, a quantidade determinada de ocorrências do evento descrito só é compatível com o aspecto perfectivo, no caso, com a morfologia de pretérito perfeito – como em (27) –, pois a quantificação de ocorrências juntamente com o aspecto imperfectivo traz uma estranheza, na visão dos autores, porque o que é ressaltado no aspecto habitual não é o número exato de repetições⁷. Para nossa análise, Ilari e Basso (2008) trazem como contribuições as noções de macroevento e microevento dentro da leitura aspectual habitual, pois através delas entendemos que a contagem numérica não é compatível dentro da habitualidade.

Outra definição do aspecto habitual que, a nosso ver, traz contribuições adicionais para o tratamento desse valor aspectual é a proposta de Bertinetto e Lenci (2010). Partindo de uma análise translinguística, para os autores, o aspecto habitual pressupõe uma interação mais ou menos regular de um evento, de tal modo que o hábito resultante é considerado como uma propriedade de caracterização de um dado referente. Assim, o valor do aspecto habitual reside na indeterminação do número total de ocorrências de microssituações, resultando numa situação que é característica de um período de tempo prolongado.

Bertinetto e Lenci (2010) também propõem um conjunto de critérios para distinguir habitualidade de iteratividade. Os autores partem de algumas situações para distinguir tais domínios aspectuais. Vejamos:

⁷ Mais à frente, veremos que Bertinetto e Lenci (2010) também concordam com essa questão da quantificação determinada em oposição ao aspecto habitual.

- (28) Nos últimos anos, Franck tem tomado o trem das cinco. (BERTINETTO; LENCI, 2010, p. 4)
- (29) Quando ele vivia no campo, Franck normalmente tomava o trem das cinco. (BERTINETTO; LENCI, 2010, p. 4)

Em (28) e (29), ambas as situações são plurais. No entanto o primeiro exemplo, (28), apresenta um estado normal, ou seja, o fato de que Franck tomou o trem várias vezes no período indeterminado. Todos os argumentos são circunstanciais e, no mesmo nível, a sentença estabelece uma relação entre um indivíduo (Franck), um objeto (o trem) e um intervalo de tempo (nos últimos anos). O segundo exemplo, (29), em contraste, apresenta uma situação (tomando um trem da manhã) como uma propriedade de caracterização de um indivíduo (Franck) durante um determinado intervalo.

Bertnetto e Lenci (2010) listam critérios para a distinção aspectual entre habitual e iterativo, tais como: a duração, a localização temporal, o papel do espaço de tempo, o número de situações, a especificação da reiteração. A seguir, discutiremos cada um desses recursos a fim de clarificar o que vem a ser o aspecto habitual.

1º critério - O primeiro recurso é o de considerar a especificação numérica dos microeventos em: [+ específico] para contextos de iteratividade e [- específico] para contextos de habitualidade. Bertinnetto e Lenci (2010) chamam isso de *reiteration specificity* (especificação da reiteração) e acrescentam que línguas como inglês ou holandês – em que o passado simples é ambíguo nas leituras perfectiva/imperfectiva (no que diz respeito especificamente à habitualidade) – não apresentam qualquer restrição em exemplos como (30) e (31), diferentemente das línguas românicas, que apresentam um contraste aspectual explícito no domínio passado. Levemos em consideração (32) e (33):

- (30) No ano passado, John visitou sua mãe onze vezes [iterativo]. (BERTINETTO; LENCI, 2010, p. 4)
- (31) Durante o ano passado, John visitou sua mãe onze vezes [iterativo]. (BERTINETTO; LENCI, 2010, p. 4)
- (32) Durante o ano passado, John visitou sua mãe raramente / frequentemente [habitual]. (BERTINETTO; LENCI, 2010, p. 5)
- (33) Durante o ano passado, John visitou sua mãe muitas vezes / frequentemente [habitual]. (BERTINETTO; LENCI, 2010, p. 5)

Bertinetto e Lenci (2010, p.5) fazem uma observação muito importante com relação aos exemplos (30) e (31). Os autores dizem que normalmente nativos de dada língua iriam estranhar ou rejeitar tais exemplos (ou, pelo menos, considerariam como estilisticamente muito marcados) devido ao fato de se especificar o número dos microeventos, isso porque é equivalente a especificar a duração do macroevento. Por outro lado, (32) e (33) são perfeitamente aceitáveis, porque *raramente* (32) e *muitas vezes* (33) não se referem ao número de microeventos, mas à sua frequência de ocorrência. Diante dessa análise, vemos que a especificação da reiteração se faz importante na distinção entre eventos iterativos e habituais, porque auxilia a colocá-los em domínios aspectuais distintos.

2º critério - O segundo recurso a considerar é a localização temporal. O aspecto habitual pode ocorrer em todos os domínios temporais: presente, passado, incluindo estimativas do futuro. Desde que entendemos a iteratividade como um evento com intervalo fechado, fica impossível observá-lo como sendo uma situação ilimitada. Essa restrição, assim, decorre da natureza aspectual da iteratividade. Já a habitualidade, como consiste em atribuir uma propriedade a um dado referente, ao invés de afirmar algo específico sobre a situação como um todo, pode ser vista dentro da esfera do ilimitado. Quando o tempo presente é usado, como em (34), para descrever situações, incluindo o tempo de esfera presente, só pode ter um significado habitual devido ao enquadramento adverbial (todos os anos), com isso a especificação da reiteração permanece vaga, sendo que o que vai sobressair é o modificador adverbial:

- (34) Todos os anos, Luc perde seu guarda-chuva três vezes. (BERTINETTO; LENCI, 2010, p. 8)

Deve-se acrescentar que a habitualidade é mais bem observada no domínio passado, por razões autoexplicativas, como, por exemplo, se partirmos da ramificação aspectual proposta por Comrie (1976), motivo pelo qual justificamos nossa opção de investigação. Além disso, em muitos idiomas, não existem dispositivos aspectuais para marcar a oposição perfectivo *versus* imperfectivo; de modo que o contraste iterativo *versus* habitual deve ser inferido, muitas vezes, a partir do contexto.

3º critério - A terceira característica de distinção dos aspectos habitual e iterativo diz respeito ao papel do espaço de tempo, ou seja, a duração da situação. Vale destacar que, nesse terceiro

critério, a presença de um modificador aspectual é muito importante, pois é o que fará a distinção entre uma leitura aspectual ou outra. Aparentemente, eles têm a mesma função nos dois contextos aspectuais, por exemplo, tanto em (35) – iterativo – como em (36) – habitual –, o enquadramento adverbial ajuda a localizar o tempo favoravelmente no evento.

(35) No ano passado, John visitou sua mãe 11 vezes. (BERTINETTO; LENCI, 2010, p. 8)

(36) Durante o ano passado, John visitou sua mãe raramente/frequentemente. (BERTINETTO; LENCI, 2010, p. 8)

Se o modificador adverbial não estivesse presente em (35) e (36), o leitor iria interpretar o evento com respeito a toda a vida do indivíduo. Alternativamente, um contexto situacional mais amplo daria o quadro apropriado. Essa diferença pode ser percebida no sentido de que modificadores adverbiais de enquadramento temporal recebem uma interpretação diferente, dependendo da escolha aspectual. Quando é *estritamente delimitado*, temos indícios de uma leitura aspectual iterativa, ao passo que, quando temos a presença de modificadores *vagamente delimitados*, temos indícios de aspecto habitual. Segundo Bertinetto e Lenci (2010), em termos de estrutura de informação, modificadores adverbiais se comportam como tópicos em ambas as interpretações. Os autores ainda acrescentam que a duração (prorrogação do prazo) pode ser muito grande (*nos bons tempos*) ou relativamente curta (*na semana passada*).

4º critério - No que se refere ao recurso enumerabilidade (*enumerability*), os autores colocam esse critério como uma extensão da *especificação da reiteração*. A esse respeito, observemos o seguinte contexto, apresentado pelos autores:

(37) No ano passado, John raramente/frequentemente visitava sua mãe. (BERTINETTO; LENCI, 2010, p. 10)

Em (37), qualquer leitor terá duas possibilidades de leitura, dependendo da interpretação pretendida. Primeiramente, poderá dizer que *no ano passado* é estritamente delimitado, de modo que o número de visitas é (em princípio) exatamente contável, sendo assim teríamos uma leitura iterativa. Mas esse mesmo leitor poderia, em vez disso, observar que o modificador adverbial *no ano passado* não se refere a um período delimitado estritamente de tempo, ou seja, que o evento de visita pode ser enumerado, mas que deve de preferência ser tomado como um tempo de referência em relação ao qual as características de

John, no caso, a frequência de visitas, são afirmadas, podendo assim ter uma leitura habitual da situação (BERTINETTO; LENCI, 2010).

Na interpretação entre uma leitura habitual ou uma leitura iterativa, o critério *enumerabilidade* deve ser considerado um recurso muito importante. Faz-se necessário observar se a situação é potencialmente enumerável ou não enumerável, uma vez que, na interpretação habitual, o que está sendo discutido são os hábitos de John; não faz sentido definir o número exato de visitas que ocorreram em um determinado período de tempo. Para melhor esclarecer esse ponto, Bertinetto e Lenci (2010, p. 11) fazem a seguinte suposição: pensemos que em determinado contexto, *raramente* signifique *uma vez a cada seis meses*, enquanto *muitas vezes/frequentemente* signifique *duas vezes por semana*. Considerando-se que um ano tem 2 semestres e 52 semanas, a leitura implicaria que *John visitou sua mãe duas vezes (raramente) versus 104 vezes (muitas vezes)*. No entanto essa dedução não é permitida pela leitura habitual, visto que esse aspecto leva em conta a densidade relativa das visitas, ou seja, os eventos no intervalo de referência.

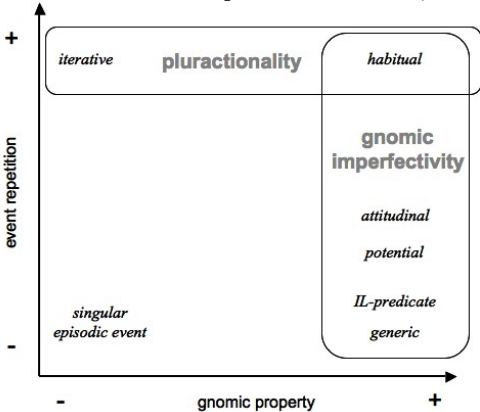
Para fins de didatização, o Quadro 3 sistematiza os critérios de distinção entre habitual e iterativo conforme a proposta de Bertinetto e Lenci (2010).

Quadro 3: Sumarização dos critérios de Bertinetto e Lenci (2010, p. 11)

	<i>Iterativo</i>	<i>Habitual</i>
Especificação da reiteração	+ especificável	- especificável
Localização temporal	refere-se somente ao passado e ao futuro	todos os domínios temporais
Prazo, duração ou período de tempo	estritamente delimitado	vagamente delimitando
Enumerabilidade	potencialmente enumerável	não-enumerável

Os recursos de distinção aspectual entre habitual e iterativo evidenciam que, enquanto habitualidade e iteratividade são muitas vezes confundidas na literatura, há evidências que apoiam a afirmação de que tais categorias aspectuais devem se manter separadas, apesar de suas semelhanças. Bertinetto e Lenci (2010) resumem isso com a Figura 5.

Figura 5: Domínios do imperfeito sentencioso e pluracionalidade (BERTINETTO; LENCI, 2010, p. 41)



Na Figura 5, os aspectos habitual e iterativo estão no lado oposto no que diz respeito à forma, uma vez que apenas o aspecto habitual representa a repetição de um evento como uma generalização, ou seja, estende-se a todos os domínios temporais. Por outro lado, também são generalizações quando expressadas por outros tipos de instruções, por outros tipos de declarações, como genéricos, predicados estativos, atitudinais etc., em que a repetição do evento está faltando ou não, ou ainda não representa um requisito essencial para que seja acionado o aspecto habitual. Devemos tomar as duas dimensões como formando um espaço de inclinação, em vez de expressar oposições polares, o que configura a gradiência, conforme a proposta de Bybee et al. (1994).

Em suma, para Bertinetto e Lenci (2010), o aspecto habitual descreve uma situação que é repetida dentro de um espaço de tempo ilimitado. A habitualidade pressupõe uma interação mais ou menos regular de um evento, de tal modo que o hábito resultante é considerado como uma propriedade de caracterização de um dado referente. Assim, o valor do aspecto habitual reside na indeterminação do número total de ocorrências de microeventos ocorrendo uma situação que é característica de um período de tempo prolongado.

As propostas de Bybee et al. (1994), Comrie (1876), Travaglia (2006), Ilari e Basso (2008) e Bertinetto e Lenci (2010) para tratar do aspecto habitual podem ser sumarizadas conforme o Quadro 4.

Quadro 4: Sumarização dos estudos sobre a habitualidade

AUTORES	DEFINIÇÃO	OBSERVAÇÕES
<i>Comrie (1976)</i>	Delineia situações que são características de um período de tempo extenso, tão extenso que a situação a que se refere é vista não como uma propriedade acidental do momento, mais precisamente como um traço característico de um período completo.	Duração; repetição; advérbios aspectuais; [contexto?].
<i>Bybee et al. (1994)</i>	Refere-se a situações que se repetem comumente em diferentes ocasiões.	Duração; telicidade; gradação; item lexical; item gramatical.
<i>Travaglia (2006)</i>	O habitual é o aspecto que apresenta a situação como tendo duração descontínua ilimitada (TRAVAGLIA, 2006, p. 82).	Duração; adjuntos adverbiais de frequência.
<i>Ilari e Basso (2008)</i>	Habitual é a ocorrência repetida de um evento durante um certo período de tempo, quando essa ocorrência repetida é tomada como uma característica inerente desse período de tempo.	Noções de macro/microeventos.

<i>Bertinetto e Lenci (2010)</i>	Pressupõe uma interação mais ou menos regular de um evento, de tal modo que o hábito resultante é considerado como uma propriedade de caracterização de um dado referente.	Especificação da reiteração; localização temporal; prazo, duração ou período de tempo; <i>enumerabilidade</i> .
----------------------------------	--	---

O levantamento apresentado sobre as definições do aspecto habitual nos direciona para as seguintes constatações:

- i) a noção de repetição e de duração são critérios comuns entre as definições discutidas;
- ii) os autores citados consideram a noção de duração ilimitada da situação;
- iii) todos os autores ressaltam, de certa forma, algum mecanismo gramatical que ajuda a compor o aspecto habitual: adjuntos adverbiais de frequência (BERTINETTO, 2000; TRAVAGLIA, 2006); inserção de um adjunto de duração acompanhado de um pontual (ILARI; BASSO, 2008); item lexical (BYBEE et al., 1994).

Tais constatações são importantes e serão retomadas no Capítulo 3, quando elaboramos nossa proposta de tratamento da expressão do valor habitual no português. Porém, considerando que nossa proposta tem o objetivo de contribuir para o ensino de língua portuguesa, apresentamos, a seguir, uma análise dos compêndios gramaticais do português, que foram analisados tendo em vista o tratamento dado à expressão do valor habitual.

2 O QUE DIZEM OS COMPÊNDIOS GRAMATICAIS?

Neste capítulo, apresentamos o que os compêndios gramaticais “dizem” em relação ao aspecto habitual. Entendemos que “compêndios gramaticais” “são obras que reportam regras da língua portuguesa, tanto em uma perspectiva descritiva (como se usa), como em uma perspectiva prescritiva (como se deve usar)” (ARAÚJO et al. 2010, p. 260).

Antes de partirmos para a análise dos nossos dados, achamos importante reportar o resultado de uma investigação acerca de como é tratado o valor habitual em compêndios gramaticais do português. Nossa investigação considerou as seguintes obras: Said Ali (1971), Coutinho (1982), Mateus et al. (1983), Neves (2000), Rocha Lima (2003), Terra e Nicola (2004), Bechara (2006; 2009), Cunha e Cintra (2008), Cereja e Magalhães (2008), Perini (2010), Castilho (2010)⁸. Categorizamos os autores da seguinte maneira:

- i) Said Ali (1971) e Coutinho (1982) como representando gramáticas históricas;
- ii) Cunha e Cintra (2008), Bechara (2006; 2009) e Rocha Lima (2003) como representando gramáticas normativas;
- iii) Terra e Nicola (2004) e Cereja e Magalhães (2008) consideramos representantes de gramáticas pedagógicas, pois, além dos critérios utilizados nos outros tipos de gramáticas, eles trazem também propostas de exercícios;
- iv) Mateus et al. (1983), Neves (2000), Castilho (2010) e Perini (2010) como representantes de gramáticas descritivas.

Tem se acentuado a discussão em torno do ensino de Língua Portuguesa voltado para a reflexão e o uso, assim como apregoam os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), porque é necessário promover a reflexão sobre as características semânticas e pragmáticas de cada palavra em situações concretas de uso. Os estudos⁹ relacionados a categorias verbais, principalmente no que concerne ao aspecto verbal, por exemplo, têm trazido subsídios para uma abordagem em sala de aula mais concreta, porém nem sempre os compêndios gramaticais trazem em seu bojo essa noção, deixando, assim, uma lacuna no

⁸ A escolha das gramáticas analisadas se deu a partir do acervo que temos, além do fato de serem gramáticas conhecidas nacionalmente.

⁹ Destacam-se, por exemplo, a obsolescência da forma de pretérito mais-que-perfeito simples e a baixa produtividade da forma de pretérito mais-que-perfeito composto para expressarem uma situação de passado anterior (com a forma de pretérito perfeito simples assumindo esta função) (COAN, 1997; 2003); a emergência e a regularização de uma forma para a expressão de passado imperfeito progressivo, constituída pelo auxiliar *estar* + *gerúndio* (pretérito imperfeito composto), com a especialização da forma de pretérito imperfeito simples na expressão do valor habitual passado (FREITAG, 2007); a alternância entre as formas de futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo (COSTA, 1997); a variação das formas de futuro verbal no português brasileiro (OLIVEIRA, 2006), dentre outros (cf. FREITAG, 2012).

ensino de Língua Portuguesa no que concerne às categorias verbais. Corôa (2005), retomando Lyons (1977 apud CORÔA, 2005), considera “um acidente histórico o fato de aspecto não ser tão proeminente quanto o *tempus*¹⁰ na gramática tradicional, pois a marcação gramatical de aspecto é provavelmente muito mais difundida nas línguas humanas do que a marcação gramatical do tempo” (CORÔA, 2005, p. 62).

Nas gramáticas de Língua Portuguesa, de modo geral, a habitualidade está inserida nos capítulos que tratam do estudo das flexões de tempo no modo indicativo, mesmo assim não apresentam referência explícita e, quando tratam disso, não aprofundam as noções que recobrem esse aspecto. Assim o que há são as referências indiretas à categoria de aspecto. Nas subseções a seguir, apresentamos o que os compêndios gramaticais analisados ilustram/prescrevem sobre o aspecto habitual. Destacamos que, nas gramáticas que classificamos como históricas, não encontramos nenhuma referência à habitualidade.

2.1 GRAMÁTICAS NORMATIVAS

Na gramática de Cunha e Cintra (2008), intitulada *Nova gramática do português contemporâneo*, no capítulo sobre Verbos, os autores definem a flexão verbal da seguinte forma: “o verbo apresenta as variações de número, de pessoa, de modo, de tempo, de aspecto e de voz” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 394). Observamos que os autores, diferentemente de alguns gramáticos, como, por exemplo, Rocha Lima (2003), consideram o aspecto dentro da classificação verbal, definindo-o assim:

diferentemente das categorias do tempo, do modo e da voz, o aspecto designa uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo. Pode ele considerá-lo como concluído, isto é, observado no seu término, no seu resultado; ou pode considerá-lo como não concluído, ou seja, observada na sua duração, na sua repetição. (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 396)

A partir da definição dada por Cunha e Cintra (2008), observamos um pequeno apontamento sobre o valor habitual, quando eles falam em “repetição”. Outra característica que os autores trazem e que dá pista de aspecto habitual é a noção de descontinuidade, quando dizem que está no âmbito do desenvolvimento da ação. Para tanto, apresentam o seguinte exemplo:

¹⁰ A autora utiliza a nomenclatura *tempus* para referir-se ao tempo com característica dêitica.

- (38) **Voltei a ler** Os lusíadas. (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 396)

Os autores trazem outros apontamentos sobre o aspecto habitual, não visto como aspecto, mas sim como valor de ação verbal, quando falam sobre a sintaxe dos modos e dos tempos. Ao trabalhar o emprego dos tempos do indicativo, dentro do escopo do tempo presente, os autores dizem que um dos modos de se empregar o presente do indicativo é: “para expressar uma ação habitual ou uma faculdade do sujeito, ainda que não estejam sendo exercidas no momento em que se fala (presente habitual ou frequentativo)” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 463). E apresentam o seguinte exemplo:

- (39) **Sou tímido:** quando me vejo diante de senhoras, **emburro, digo besteiras.** (G. Ramos, A, 31 apud CUNHA; CINTRA, 2008, p. 463)

Ainda retratando o emprego dos tempos no modo indicativo, Cunha e Cintra (2008), agora no escopo do pretérito imperfeito, trazem mais alguns apontamentos sobre o aspecto habitual. Vejamos: “Empregamo-lo, assim: para denotar uma ação passada habitual ou repetida” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 465). Para melhor definir essa ação habitual, os autores apresentam o exemplo que segue:

- (40) Se o cacique **marchava**, a tribo inteira o **acompanhava**. (J. Cortesão, IHB, II, 178 apud CUNHA; CINTRA, 2008, p. 465)

No que se refere ao pretérito perfeito composto, os autores também evidenciam que é uma “expressão de um fato repetido ou contínuo” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 469). E acrescentam que, para que se tenha uma ação repetida, dentro do pretérito perfeito composto, se faz necessário o auxílio de advérbios ou locuções adverbiais, como *sempre*, *frequentemente*, *várias vezes* etc. para que ação seja vista como habitual ou contínua. É interessante destacar que os referidos autores trazem de certa forma a noção de aspecto composicional, ao acrescentarem a informação da necessidade de outros elementos para que se tenha uma leitura habitual. Observemos os exemplos apresentados pelos autores:

- (41) Os homens do mar **tiveram sempre** uma grande ternura pelas aves. (R. Brandão, p. 164 apud CUNHA; CINTRA, 2008, p. 469)

- (42) Ai, **quantas noites**
No fundo da casa
Lavei essa mão,

Poli-a, escovei-a. (C. Drummond de Andrade, R. 71 apud CUNHA; CINTRA, 2008, p. 469)

Na explicação dos exemplos transcritos acima, os autores enfatizam a ideia de que o que dá a ideia de repetição (valor habitual) ou continuidade (valor contínuo) não é o verbo, mas a utilização do advérbio, que no caso modificou a ação verbal. Mesmo tendo classificado a gramática dos autores Cunha e Cintra (2008) como normativa, é de se acentuar que tais autores trazem boas evidências sobre o uso do valor habitual, mesmo que não trabalhem essa noção dentro do escopo do aspecto.

O gramático Bechara (2006; 2009), em suas duas gramáticas, a saber, *Gramática escolar da língua portuguesa* e *Moderna gramática do português*, também traz algumas considerações sobre a categoria de aspecto, baseando-se nas ideias de Jakobson e Coseriu. Para o autor, o aspecto “assinala a ação até o fim, isto é, como conclusa (perfeita) ou inconclusa (imperfeita). Certas espécies de ação, como durativa, incoativa, terminativa, iterativa etc., são apenas subdivisões desta categoria” (BECHARA, 2009, p. 212). Partindo da proposta de Coseriu ao tratar a categoria de aspecto, Bechara (2009) traz indícios sobre o aspecto habitual quando trabalha a noção de repetição. Para o autor, uma das características da repetição é poder ser indeterminada, o que evidencia umas das características do aspecto habitual, assim como propõe Comrie (1976). Bechara (2009, p. 215) ainda acrescenta que a repetição “é em português uma categoria sem forma de expressão própria”, isso no que concerne ao tipo de repetição indeterminada. Essa visão nos dá indícios de que somente a repetição indeterminada não marca o aspecto habitual, assim como assinalamos em nossa pesquisa.

Ao trabalhar o emprego dos tempos do modo indicativo, dentro do escopo do tempo presente, Bechara (2009) diz que um dos modos de se empregar o presente do indicativo é: “que acontece habitualmente” (BECHARA, 2009, p. 276). Para explicitar essa noção, apresenta o seguinte exemplo:

(43) A Terra gira em torno do Sol. (BECHARA, 2009, p. 276)

No que se refere ao pretérito composto, Bechara (2009), assim como Cunha e Cintra (2008), enfatiza que uma das características desse tempo composto, dentro do modo indicativo, é exprimir “repetição ou prolongação de um fato até o momento em que se fala, ou fato habitual” (BECHARA, 2009, p. 278). As definições apresentadas por Bechara (2009) já

compõem a *Gramática escolar da língua portuguesa* (BECHARA, 2006), mas é interessante notar que essa gramática, pelo título, denota uma noção de gramática pedagógica, além do que o autor traz exercícios para resolução, o que é próprio das gramáticas pedagógicas; mesmo assim, consideramos uma gramática normativa, já que segue as mesmas contribuições da *Moderna gramática portuguesa* (BECHARA, 2009).

2.2 GRAMÁTICAS PEDAGÓGICAS

Na gramática pedagógica *Gramática: texto, reflexão e uso* (CEREJA; MAGALHÃES, 2008), observamos algumas pistas sobre o aspecto habitual. Vejamos: “Pretérito imperfeito: transmite a ideia de uma ação habitual ou contínua” (CEREJA; MAGALHÃES, 2008, p. 190, grifos nossos), como em (47):

- (44) Por muito tempo os homens **usavam** a mesma faca para comer e brigar e cada um **levava** a sua quando **havia** algum jantar. (CEREJA; MAGALHÃES, 2008, p. 190)

Cereja e Magalhães (2008) fazem menção ao aspecto habitual quando dizem que o pretérito imperfeito transmite a ideia de ação habitual. No entanto, quando apresentam o exemplo (44), não explicam por que tal excerto gera uma ação habitual. Analisando o exemplo apresentado pelos autores, podemos ver que o acontecimento é construído a partir do localizador MR (momento de referência) ‘quando **havia** algum jantar’, que coincide com todos os pontos do ME (momento do evento) ‘**usavam** a mesma faca para comer e brigar e cada um **levava** a sua’. O uso do pretérito imperfeito - *usavam* e *levava* - expressa que o acontecimento descrito tem limites abertos, podendo prolongar-se por um tempo indeterminado. O desenvolvimento da situação não se encaminha para um ponto terminal, porque anteriormente há a referência ‘quando **havia** algum jantar’, que indica uma ação habitual de utilizar a mesma faca para comer e brigar. Assim, podemos dizer que temos a atualização do aspecto habitual.

Assim como Cereja e Magalhães (2008), os autores Terra e Nicola (2004), ao abordarem os modos verbais, mais precisamente o modo indicativo, fazem menção ao aspecto habitual, mas, da mesma forma que Cereja e Magalhães (2008), restringem-se apenas a apresentar seus conceitos e exemplos, não aprofundando análises e traços que indiquem o aspecto habitual ou mesmo a categoria de aspecto. Vejamos: “O modo indicativo também é

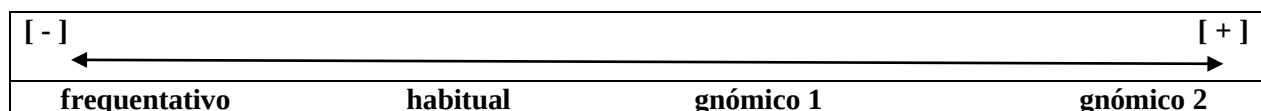
usado para: *Exprimir ação habitual*” (TERRA; NICOLA, 2004, p. 249, grifo nosso), como em (45):

(45) Aos domingos não saio de casa. (TERRA; NICOLA, 2004, p. 249)

2.3 GRAMÁTICAS DESCRITIVAS

Mateus et al. (1983) apresentam uma seção destinada à categoria linguística de aspecto, caracterizando-o como a “categoria que exprime o modo de ser (interno) de um estado de coisas descrito através de expressões de uma língua natural” (MATEUS et al., 1983, p. 125). As autoras apontam que a categoria de aspecto vai ter algumas especificações que colaboram para diferentes leituras aspectuais, como, por exemplo, *quantificação do intervalo de tempo*. Dentro desse item, as autoras apresentam o aspecto habitual, que para elas é um dos aspectos resultantes de operações de quantificação sobre intervalos de tempo, de forma escalar. Para melhor explicar essa noção, reproduzimos a escala proposta por Mateus et al. (1983, p. 130), no Figura 6:

Figura 6: Escala aspectual (MATEUS et al. 1983, p. 130)



Para as autoras, os aspectos frequentativo e habitual (46) envolvem propriedades de manifestações temporalmente limitadas de determinado indivíduo, enquanto que os aspectos gnômico 1 e gnômico 2 expressam propriedades de determinado indivíduo. As principais características apresentadas pelas autoras sobre o aspecto habitual é o traço durativo, além de categorizá-lo por apresentar características habituais de determinado participante em um intervalo de tempo. Para melhor entender, vejamos um dos exemplos apresentados pelas autoras:

(46) O Pedro lava o carro aos domingos. (MATEUS et al., 1983, p. 130)

Além dessas características, Mateus et al. (1983) apresentam, mesmo que implicitamente, a noção de composicionalidade do aspecto, pois, ainda quando discutem a noção de aspecto habitual, as autoras ilustram o papel dos advérbios temporais frequentativos

na expressão do aspecto, afirmando que tais advérbios exprimem diversos tipos de quantificação, podendo modificar uma leitura aspectual.

Perini (2010), ao descrever as variedades de expressão do presente e ao distinguir o pretérito perfeito do pretérito imperfeito, apresenta indícios sobre o aspecto habitual. Vejamos a definição e um dos exemplos utilizados pelo autor:

- (i) Variedades de expressão do presente: o presente simples é usado para exprimir um evento habitual, uma propriedade permanente ou um estado permanente.

(47) Esse vizinho **sempre faz** barulho de noite [evento habitual]. (PERINI, 2010, p. 221)

Perini (2010) considera que o presente simples transmite uma ideia de evento habitual. Para tanto, apresenta-nos o exemplo acima. Segundo o autor, “o evento descrito vale para o momento presente, mas também para uma certa extensão no passado e no futuro” (PERINI, 2010, p. 221). Sabemos que há o aspecto habitual em **sempre faz**, mas, neste caso, a habitualidade está expressa pelo advérbio **sempre**, que indica que dado acontecimento tem lugar regularmente em uma linha de tempo, sem dizer respeito a nenhuma das realizações em particular, assim como os autores Cunha e Cintra (2008) apontam em sua gramática – descrito na seção 2.1. No entanto o autor não faz menção à utilização do advérbio como auxílio para a expressão da habitualidade no exemplo analisado.

No capítulo que trata do tempo verbal passado, Perini (2010), mais uma vez, faz menção ao aspecto habitual. Segundo o autor, o pretérito imperfeito, por ter os limites temporais em aberto, indica evento habitual, em determinados contextos. Vejamos:

- (ii) **Perfeito e imperfeito** - Delimitação temporal: o perfeito focaliza os limites temporais da situação descrita; com o imperfeito o verbo indica um evento ou estado habitual [...]. O imperfeito denota um evento habitual (ou seja, não delimitado temporalmente) (PERINI, 2010, p. 228, grifos nossos).

(48) Ele **viajava** para os Estados Unidos. (PERINI, 2010, p. 228)

Vale destacar que Perini (2010) trata as categorias de *tempo* e *aspecto* juntas, pois para ele “o aspecto e o tempo não têm representação formal distinta em português. Além disso, costumam invadir um o território do outro, o que ajuda a complicar o quadro geral” (PERINI, 2010, p. 220).

Na *Gramática de usos do português*, Neves (2000) considera o aspecto como categoria verbal e traz na parte I de sua gramática, dentro do capítulo sobre verbos, a noção de

verbos aspectuais, considerados como sendo operadores gramaticais. Para a autora, esses verbos se formam a partir de perífrases verbais, que indicam alguns aspectos, dentre os quais a autora pontua o aspecto habitual, no entanto não traz nenhuma definição, só apresenta alguns exemplos e diz que trazem a noção de hábito. Vejamos:

- (49) E ele **vive a leseirar** por aí. (CA) (NEVES, 2000, p. 63)
- (50) E ele **vive fazendo** perguntas sobre a saúde do garoto. (VEJ) (NEVES, 2000, p. 63)
- (51) Você precisa estudar mais. **Anda lendo** pouco. (ACM) (NEVES, 2000, p. 63)

Castilho (2010), em sua *Gramática do português brasileiro*, traz a noção de aspecto verbal, definindo-o como “uma propriedade da predicação que consiste em representar os graus do desenvolvimento do estado de coisas aí codificado, ou seja, as fases que ele pode compreender” (CASTILHO, 2010, p. 417). O autor ainda acrescenta que o aspecto pode delinear: (i) o que dura; (ii) o que começa e acaba; e (iii) o que se repete (CASTILHO, 2010). Dentre as delimitações do aspecto apresentadas por Castilho (2010), há a presença do traço de repetição, o que nos remete ao aspecto habitual. No entanto, ao longo do tópico sobre aspecto verbal, o autor não traz nenhuma menção ao aspecto habitual, pois, para ele, o aspecto que está correlacionado à repetição é o iterativo, como podemos observar no Quadro 5.

Quadro 5: Tipologia do aspecto (CASTILHO, 2010, p. 420)

FACE QUALITATIVA DO ASPECTO		FACE QUANTITATIVA DO ASPECTO
IMPERFECTIVO	PERFECTIVO	SEMELFACTIVO
Inceptivo	Pontual	
Cursivo	Resultativo	ITERATIVO
Terminativo		Imperfectivo/Perfectivo

Uma contribuição interessante para o estudo do aspecto verbal apresentada por Castilho (2010) é a natureza composicional aspectual. Para o autor, aspectos como, por exemplo, o iterativo, dependem de outros fatores, além do lexical, tais como: *flexão modo-temporal, argumentos verbais e advérbios quantificadores*. Tal visão condiz com a que seguimos nesta pesquisa.

Em linhas gerais, verificamos que as abordagens dos compêndios gramaticais analisados ainda não apresentam uma sistematização dos usos do aspecto habitual nem da

categoria de aspecto, mesmo as gramáticas descritivas. No entanto sabemos que a finalidade das gramáticas não é sistematizar os traços que compõem cada aspecto, mas as evidências que trazem contribuem para nossa pesquisa, pois comprovam que há uma necessidade de que se estudem os traços e contextos que propiciam a ocorrência do aspecto habitual, dentro de uma amostra real de fala e escrita.

3 ASPECTO HABITUAL: PROPOSTA ALINHADA AO USO

Neste capítulo, apresentamos a nossa proposta de abordagem do fenômeno alinhada ao uso, tomando como respaldo teórico, principalmente, os estudos de Bybee (2010). Para Bybee (2010), a gramaticalização é a criação de novas construções; é a fixação de padrões, observando-se que aquilo que é mais frequente na gramática de uma dada língua é o que se regulariza. Bybee (2010) evidencia que o processo de gramaticalização pode acontecer através de variação ou de gradiência. Diante disso, buscamos nesta pesquisa elaborar um constructo de gradiência - léxico > gramática > contexto - para o aspecto habitual, ou seja, observamos quais os traços e contextos que propiciam a recorrência do aspecto habitual dentro de uma amostra real, de forma a contribuir para a descrição verbal do português do Brasil.

Segundo Bybee (2010), todos os tipos de unidades linguísticas possuem gradiência, porque, para a autora, os fenômenos estruturais observados nas gramáticas das línguas podem derivar dos processos cognitivos do domínio geral, enquanto operam nas múltiplas instâncias do uso linguístico. Logo fatores baseados no uso e no processamento cognitivo são articulados, para que forneçam uma explanação com respeito às propriedades das estruturas linguísticas em observação. Os estudos baseados em gradiência nos permitem analisar expressões em construção que apresentem usos motivados por situações reais.

Comrie (1976) assinala que o aspecto habitual delinea situações que são características de um período de tempo extenso, tão extenso que a situação a que se refere é vista não como uma propriedade accidental do momento mas precisamente como um traço característico de um período completo. Então uma das características do aspecto habitual é que este pode ocorrer em todos os domínios temporais: presente, passado, incluindo estimativas do futuro.

Outra característica é a noção de especificação da reiteração. Normalmente, quando se especifica o número de vezes que uma situação se repete, considera-se o aspecto como estilisticamente marcado, devido ao fato de se especificar o número dos microeventos (ILARI; BASSO, 2008; BERTINETTO; LENCI, 2010). Uma vez decidido que algo se constitui como uma situação característica, nós somos livres para usar uma forma explicitamente habitual para descrevê-la (COMRIE, 1976). Outro traço que contribui para a

caracterização de uma situação como habitual é justamente o fato de ela se prolongar por um determinado ou longo período de tempo de forma repetitiva; e a repetição não se refere ao número de microeventos, mas à sua frequência de ocorrência. O que interessa não é o número de vezes em que a situação se repetiu, mas a interação mais ou menos regular de um evento; o resultante dessa repetição é considerado como uma propriedade de caracterização de um dado referente (BERTINETTO; LENCI, 2010).

O aspecto habitual descreve uma situação que é repetida de forma indeterminada e as noções de repetição são particularmente codificadas pelo traço [- télico], isto é, com elementos que fornecem uma leitura em que o fim do evento não está visível. Sendo assim, o aspecto habitual está sujeito a restrições lexicais, tendo, portanto, um significado aspectual bastante específico (BYBEE et al., 1994). Todavia, embora a noção de repetição se aplique melhor a situações que ocorrem dentro de um único ciclo - a uma situação que tem início, meio e fim inerentes -, o valor habitual pode se aplicar a situações que descrevem ciclos múltiplos e, nesse sentido, a codificação desse aspecto recebe um sentido adicional de continuidade, decorrente do aspecto contínuo: a situação começa, atinge um ponto final e continua a se repetir; existe uma frequência que ocorre em múltiplas ocasiões durante um período extensivo.

Dentro da proposta vendleriana, pensemos sobre a possibilidade de haver algo em comum entre atividades, *accomplishments* e *achievements* que os diferencia de estados, algo responsável pela atualização do aspecto habitual. Para chegar a essa característica compartilhada entre esses tipos verbais, temos que lançar mão da proposta de Bertinetto (2001), em que as classes aspectuais de Vendler são desdobradas em três traços inter-relacionados: duratividade, dinamicidade e homogeneidade. Para tanto, devemos observar qual ou quais traços se cruzam entre atividades, *accomplishments* e *achievements* que não ocorrem nos estados. O quadro de Bertinetto (2001) – Quadro 2 – deixa claro que a única característica em comum entre atividades, *accomplishments* e *achievements* responsável por diferenciá-los dos estados diz respeito ao traço dinamicidade, pois todos os três são [+ dinâmicos] e os de estado são [- dinâmicos]. As situações dinâmicas apresentam granularidade, por isso não podem ser divididas indefinidamente; já as situações estáticas apresentam granularidade, podendo ser divididas indefinidamente. Isso acontece porque situações dinâmicas apresentam fases e situações estáticas não. Nas palavras de Rodrigues (2009, p. 78), “atividades, *accomplishments* e *achievements* se desenvolvem pela sucessão de

suas fases ou ‘pequenos grãos’, enquanto estado é um *continuum*, não possui grãos ou fases sucedendo uma a outra”. Diante disso, podemos mencionar que verbos estáticos tendem a barrar o aspecto habitual; já atividades, *accomplishments* e *achievements*, por possuírem o traço [+ dinâmico], colaboram para a atualização do aspecto habitual, principalmente atividades, por possuírem os traços [+ dinâmico], [+ durativo] e [+ homogêneo].

Além de nos basearmos nos valores aspectuais inerentes aos verbos, também consideramos a função dos modificadores aspectuais na composição do aspecto habitual. Quando uma ação se repete de forma habitual, o verbo, geralmente, é acompanhado por modificadores aspectuais – como, por exemplo, advérbios e locuções adverbiais – que indicam frequência, tais como: *normalmente*, *sempre*, *todos os dias*, dentre outros (TRAVAGLIA, 2006; RODRIGUES, 2009). Estes, por sua vez, estão, tipicamente, associados a situações durativas.

Diante dos estudos apresentados anteriormente, lançamos no Quadro 6 nossas hipóteses para a caracterização do aspecto habitual, quanto aos fatores linguísticos.

Quadro 6: Resumo de caracterização do aspecto habitual

<i>Aspecto habitual</i>
Localização temporal: todos os domínios temporais
Especificação da reiteração: (- especificável)
Situações não-enumeráveis
[- télico]
Traços aspectuais: [+ durativo]; [+ dinâmico]; [+ homogêneo]
Tempo verbal – pretérito imperfeito e pretérito perfeito
Modificadores aspectuais: advérbios totalizadores/frequência

Sendo o aspecto habitual uma categoria universal, sabemos que de fato as características resumidas no Quadro 6 pertencem a esse aspecto. Mas ainda indagamos se esse arranjo de traços se verifica numa amostra real. Diante dessa indagação é que propomos uma análise baseada no uso, partindo da noção de gradiência. A fim de averiguarmos a produtividade do arranjo e a gradação de traços que sistematizam o aspecto habitual no português, tomamos uma amostra de fala e outra de escrita, para possível correlação e quantificação das formas.

Utilizamos um *corpus* com dois tipos de amostras, as quais estão vinculadas ao Grupo de Estudos Linguagem, Interação e Sociedade – GELINS, a saber, *Falantes Cultos de Itabaiana/SE* e *Banco de Dados de Escrita - Textos Narrativos e Opinativos*. A primeira amostra é formada atualmente por 20 entrevistas e a segunda, por 40 redações; abaixo apresentamos a estratificação:

Tabela 1: Distribuição dos informantes do banco de dados *Falantes Cultos de Itabaiana/SE*

Sexo	
Masculino	Feminino
10	10
Total	20

Tabela 2: Estratificação social dos textos produzidos

1º ano do Ensino Médio		2º ano do Ensino Médio		3º ano do Ensino Médio		Ensino Superior	
M	F	M	F	M	F	M	F
5	5	5	5	5	5	5	5
10		10		10		10	
40							

O banco de dados *Falantes Cultos de Itabaiana/SE*, registrado no Sistema Nacional de Informações sobre Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos – SISNEP, com Certificado de Apresentação para Apreciação Ética – CAAE de número 0301.0.107.000-11, foi constituído tomando por base o constructo de comunidade de práticas. A seleção dos falantes para compor a amostra seguiu os seguintes critérios: o falante deve ter contato constante com a comunidade acadêmica da Universidade Federal de Sergipe *Campus* Prof. Alberto Carvalho e morar próximo à região de Itabaiana/SE (ARAUJO; BARRETO; FREITAG, 2012). A amostra restringiu-se a informantes universitários que estivessem em fase de conclusão de curso ou que fossem recém-formados há um período de no máximo dois anos. Cada uma das entrevistas tem cerca de quarenta minutos de duração. Tais entrevistas foram necessariamente feitas com indivíduos selecionados em função de seu perfil social adequado à metodologia sociolinguística: morador da cidade de Itabaiana/SE; nascido na cidade; com pais nascidos na cidade.

O banco de dados *Falantes Cultos de Itabaiana/SE* faz uso de dados de fala espontânea, ou seja, o vernáculo de uma comunidade de fala, no caso de estudantes universitários. Nas palavras de Tarallo, o vernáculo (2007, p. 19) refere-se aos “momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao como da enunciação”, por isso se faz objeto de análise da Sociolinguística, visto que nossas análises partem do uso real da língua. Então, em uma análise da língua,

o método básico para se obter uma grande quantidade de dados confiáveis da fala de uma pessoa é a entrevista gravada individual. A fala da entrevista é fala formal – não por qualquer medida absoluta, mas em comparação com o vernáculo da vida cotidiana (LABOV, 2008 [1972], p. 63).

Para realizar essas entrevistas sociolinguísticas, é necessária a utilização de um elemento estranho, o gravador, além do próprio pesquisador que muitas vezes é o entrevistador. Por isso, nesse momento nos valem de algumas estratégias para minimizar o *paradoxo do observador* (LABOV, 2008 [1972]; TARALLO, 2007), fazendo com que o falante se expresse sem nenhum tipo de monitoramento linguístico. Faz necessário observar que o *corpus* segue os princípios metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), nos moldes do que é feito pelo VARSUL (Variação linguística Urbana na Região Sul do Brasil) e pelo VALPB (Variação Linguística no Estado da Paraíba), a fim de possibilitar a comparação de resultados entre as variedades linguísticas.

O perfil social dos informantes que constituem a amostra do *Banco de dados de escrita - textos narrativos e opinativos* é estabelecido em função da escolaridade (1º, 2º, 3º anos do Ensino Médio e Educação Superior), com informantes escolhidos nos seguintes espaços investigativos: Colégio Estadual Murilo Braga e Universidade Federal de Sergipe/Campus Professor Alberto Carvalho, ambos na cidade de Itabaiana/SE (ARAUJO; PEIXOTO; FREITAG, 2012). O Colégio Estadual Murilo Braga – CEMB situa-se à rua Quintino Bocaiúva, 659, bairro Centro. O CEMB, sob jurisdição da Diretoria Regional de Educação (DRE’3), é a segunda maior instituição educacional de Sergipe. Conta com uma estrutura física ampla e atende, atualmente, a um corpo discente de mil setecentos e setenta e nove alunos, distribuídos entre os três turnos de funcionamento. Esses alunos são provenientes das zonas rural e urbana de Itabaiana, além de municípios circunvizinhos. Para escola, conta com um quadro docente formado por noventa professores (SERGIPE, 2007). O

Centro *Campus* Professor Alberto Carvalho da Universidade Federal de Sergipe teve suas atividades iniciadas no dia 14 de agosto de 2006. A instituição situa-se à Av. Vereador Olímpio Grande, s/n, bairro Sítio Porto. No *campus* há, atualmente, dez cursos em funcionamento, dentre os quais sete são de licenciatura. Os cursos são: Administração, Biologia, Ciências Contábeis, Física, Geografia, Letras, Matemática, Pedagogia, Química e Sistema de Informação. Atualmente, o *campus* conta com um público estudantil de mais de dois mil alunos.

Conhecida como Princesa da Serra, Capital do Agreste ou Cidade Serrana, Itabaiana está situada na região central do Estado, com uma população de 86.967 habitantes dentro de uma área de 336.693 km², distante 58 km da capital de Sergipe, Aracaju (Figura 7).

Figura 7: Localização de Itabaiana/SE



Fonte: Wikipédia.

3.1 VARIÁVEIS CONTROLADAS

Para investigarmos os traços e contextos que influenciam o uso do aspecto habitual, dentro das amostras linguísticas, controlamos dez grupos, de caráter formal, cognitivo e discursivo:

- i) *modificador aspectual* (presença ou ausência);
- ii) *traços aspectuais*: [+ / - durativo], [+ / - dinâmico], [+ / -homogêneo];
- iii) *classes acionais de Vendler + cognição* (atividade, estado, *accomplishments*, *achievements* e *cognitivo*);

- iv) *tempo verbal* – pretérito imperfeito, pretérito perfeito; e outros tempos verbais que se mostraram relevantes para compor o aspecto habitual;
- v) *forma verbal*: simples ou perifrástica;
- vi) *gradações de modalidade*: grau1, grau 2, grau 3 e grau 4;
- vii) *especificação da reiteração*: (+ / - especificável);
- viii) *tipo de sequência textual*: narrativo, opinativo, dissertativo e descritivo;
- ix) *tópico discursivo*: nível intertópico, nível inter-oracional e nível intratópico;
- x) *agentividade*: sujeito ativo e sujeito passivo.

Os fatores linguísticos controlados são explicados e exemplificados no Capítulo 4, juntamente com os resultados obtidos.

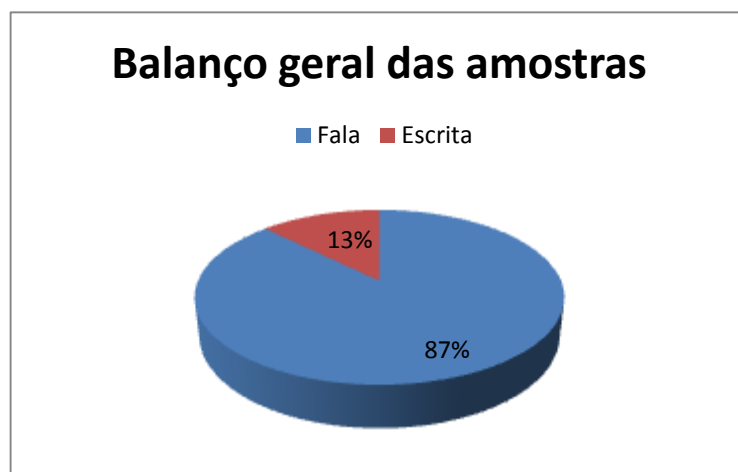
3.2 A NATUREZA DA ANÁLISE E O TRATAMENTO DOS DADOS

Propomo-nos a analisar nesta pesquisa o aspecto habitual na expressão do tempo passado. O nosso objetivo constitui-se em investigar e descrever os fatores e os contextos de atualização do aspecto habitual, a partir das formas simples de pretérito perfeito e pretérito imperfeito, além de algumas formas compostas. Devido ao baixo número de ocorrências das perífrases verbais, utilizamos dois tipos de análise: uma qualitativa (para as perífrases) e outra quantitativa (para as formas de PP e PI). Na primeira análise, contemplamos as particularidades da descrição. Já na segunda, os resultados são comentados a partir do resultante do procedimento estatístico. Para tanto alguns passos foram seguidos, primeiramente, coletamos os dados de nosso interesse nos dois *corpora*. Todas as ocorrências destes dados foram codificadas de acordo com as variáveis sociais (que não se mostraram relevantes para o fenômeno em estudo) e linguísticas. Feito isso, submetemos os dados à análise estatística, com cálculo de frequências e pesos relativos, através do programa GoldVArbX (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), cujos resultados são apresentados no capítulo a seguir.

4 A EXPRESSÃO DA HABITUALIDADE

Neste capítulo, apresentamos e discutimos os resultados estatísticos obtidos através do controle dos fatores linguísticos, para o estudo do uso do pretérito imperfeito *versus* pretérito perfeito na expressão da habitualidade no domínio do tempo passado, a fim de chegarmos a uma gradação do aspecto habitual. No total, foram constatadas nos *corpora* analisados, 396 ocorrências de habitualidade, sendo apenas 28 ocorrências de forma composta e o restante das formas simples, pretérito perfeito (PP) e pretérito imperfeito (PI). Das 396 ocorrências, 50 foram do banco de dados *Banco de Dados de Escrita - Textos Narrativos e Opinativos* e 346 ocorrências foram do *Banco de Dados Falantes Cultos de Itabaiana/SE*, como disposto no Gráfico 1.

Gráfico 1: Balanço geral das amostras de fala e escrita



Tomamos como variável o pretérito imperfeito, já que tínhamos por hipótese que seria a forma verbal que codificaria o aspecto habitual. Para uma melhor explicação dos resultados, dividimos o capítulo em quatro seções. Primeiramente, discutimos os resultados obtidos das perífrases verbais na expressão da habitualidade. Dada a baixa recorrência (28 dados), primeiro daremos tratamento qualitativo às perífrases e depois analisaremos os resultados para as formas simples de pretérito imperfeito (PI) e pretérito perfeito (PP). Nas seções subsequentes, apresentamos os resultados obtidos com as formas simples PP e PI e a correlação entre os traços linguísticos para a expressão da habitualidade. Por fim, apresentamos a correlação geral entre os traços linguísticos e as formas verbais (pretérito

imperfeito e pretérito perfeito) para a expressão da habitualidade, culminando com uma proposta de gradiência, pautada na proposta de Bybee et al. (1994).

4.1 FORMAS DE PERÍFRASES VERBAIS: ANÁLISE QUALITATIVA

Nesta seção, analisamos a atualização do aspecto habitual em sentenças com as perífrases verbais, tais como *imperfeito* + verbo no infinitivo, levando em conta não apenas a perífrase isolada mas também toda a estrutura de cada sentença. As sentenças analisadas foram selecionadas a partir da codificação dos dados quantitativos do *corpus Falantes Cultos de Itabaiana/SE*. Por terem tido uma baixa frequência, optamos por fazer uma análise qualitativa.

A perífrase verbal deve ser entendida como uma conjunção de um verbo e de uma das formas nominais – *infinitivo, gerúndio ou particípio*. No entanto é preciso sublinhar que a perífrase verbal se opõe a uma simples sequência verbal e, por consequência, nem todas as conjunções de duas formas verbais podem ser consideradas construções perifrásticas. No que se refere ao aspecto habitual, a forma perifrástica usualmente relacionada a esse aspecto verbal é a de *costumava* + infinitivo. O verbo ‘*costumar*’ remete à noção de ‘ter por costume’ ou ‘ter o hábito de’; portanto, no estudo aspectual desse verbo, seria bastante comum esperar que, além do imperfectivo, estivesse atualizando o aspecto habitual. Mas, em nossa análise, não tivemos nenhum contexto que apresentasse a forma perifrástica *costumava* + infinitivo. As formas encontradas foram as seguintes: *imperfeito* + infinitivo, *imperfeito* + gerúndio, *imperfeito* + particípio e *perfeito* + infinitivo. Os exemplos estão apresentados e discutidos nas subseções 4.1.1 a 4.1.4.

4.1.1 *Imperfeito + infinitivo*

No primeiro grupo apresentamos as perífrases formadas por um auxiliar na forma de pretérito imperfeito mais um verbo pleno na forma nominal de infinitivo. Nos excertos (52) e (53) não há nenhum advérbio funcionando como modificador aspectual, a perífrase verbal é a única forma gramatical de indicação de aspecto imperfectivo. Por meio do contexto, podemos atribuir ao evento um sentido repetitivo e, portanto, atualizam o aspecto habitual. Já no excerto (54) o aspecto habitual foi atualizado com o auxílio do advérbio *sempre* que indica

que dado acontecimento tem lugar regularmente em uma linha de tempo, sem dizer respeito a nenhuma das realizações em particular.

(52) F: com certeza... desde cedo os meus pais me incentivavam... a estudar... na época do colégio eu não **gostava de estudar**... ou melhor eu **odiava estudar** mas... meus pais sempre me motivaram e forçaram a barra... nesse aspecto... (hes) eu devo a eles tudo que eu já conquistei... e o que irei conquistar ao longo de minha vida acho que eles forçaram tanto a barra... que hoje eles brigam pra eu parar de estudar (m 02)

(53) F: ler? ler é meu... passa tempo meu hobby... favorito... pra quem vive sozinho ler é... é quase que fosse parte da minha vida... leitura eu gosto desde criança porque eu sempre fui uma criança sozinha... (hes) eu vim ter irmãos com... já... na no final da adolescência e... sempre no período de da infância... o que eu mais fazia era ler... ler lia muito eu tenho uma imaginação... fertilíssima eu **gostava de... de ler** desde gibi de da Turma da Mônica a... Revista Superinteressante que na época que eu lia era uma revista mais conteúdo bem adulto mesmo e eu ado- **amava ler** aquilo num entendia nada ((risos)) mas amava inter- ler aquilo... aí acabou que... ficou hoje em dia... ler é meu passatempo favorito é... é uma coisa que já que faz parte de mim... eu me identifico muito eu gosto muito de ler (m 04)

No exemplo (53), apesar de ter a presença de dois advérbios *sempre* afastados - *sempre fui uma criança sozinha... (hes) eu vim ter irmãos com... já... na no final da adolescência e... sempre no período de da infância... o que eu mais fazia era ler* -, o que gerou a leitura habitual foi toda a construção narrativa feita pelo informante. Este relata um acontecimento – *gostar de ler* - desde sua infância até os dias atuais, o que marca que o hobby (como ele diz) *ler* é algo que sempre aconteceu em sua vida.

4.1.2 Imperfeito + gerúndio

Refletindo sobre os verbos de estado em construções perifrásticas, cabe perguntar se, existindo a atualização do aspecto habitual, ela se deve à interpretação de repetição frequente do sentimento (estado, característica) ou apenas em virtude da presença da perífrase com gerúndio (*imperfeito (verbo de estado) + gerúndio*) no enunciado. No exemplo (54) ‘*uma delas... ho- hoje em dia eu tento acreditar que ela não ado- que ela não adoeceu que ela adoeceu de verdade que eu pensei que ela **sempre tava fingindo** que tava doente... tava doente*’, a atualização do habitual é interpretada pela indicação de repetição do estado e reforçada pela interpretação do aspecto verbal contínuo, presente no verbo *estar (tava)*. Sendo assim, em (54), a habitualidade está presente, pois entendemos que o informante no relato pensava que a quando a amiga estava doente era por fingimento.

(54) F: uma delas... ho- hoje em dia eu tento acreditar que ela não ado- que ela não adoeceu que ela adoeceu de verdade que eu pensei que ela **sempre tava fingindo** que tava doente... tava doente... e nisso... (hes) a gente acabou que descobrindo que a outra Aricelha a mais velha do grupo era quem fazia as briguinhas ((risos)) foi... (hes) foi foi horrível assim foi bem estressante a monografia... (hes) digo pra você que você vai se estressar mesmo... ((risos)) se prepare... porque se você for como eu você vai se estressar bastante com essa relação... com esse trabalho (m 04)

Tomamos como pressuposto aqui que a habitualidade é dada pela junção de dois fatores principais: a flexão verbal (-ndo – imperfectivo) mais a junção do auxiliar *estar* no pretérito imperfeito, ou seja, além de auxiliar, *estar* passa a ter um valor aspectual, isso por causa da presença do modificador aspectual *sempre*. O verbo *estar* (*estava*) como auxiliar, mantém o traço de duração, o que contribui para a codificação do aspecto habitual. Ele se junta ao verbo pleno no gerúndio e o modificador aspectual fazendo com que a sentença passe a ser habitual, sem contagem no intervalo de tempo, dando uma leitura de *movimento/atividade*. Ao juntar-se ao verbo pleno no gerúndio, a sentença passa a ter uma leitura habitual, porque esses auxiliares denotam intervalos de tempo durativos dentro dos quais se inclui o(s) intervalo(s) do verbo principal (WACHOWICZ, 2003). Assim sendo, a desinência verbal será relevante para um determinado tipo de leitura: *sempre* + auxiliar (imperfeito) + verbo pleno (gerúndio) gerou a leitura habitual, esse mesmo processo ocorre nos excertos (55) e (56), vejamos:

(55) E: e qual o nível de satisfação... do seu curso?

F: olha... dez cem por cento nota máxima... porque realmente era o que eu **sempre tava procurando** me identifiquei bastante gosto do do das disciplinas que nele exis- nele estão porque... tem a questão de que aborda um pouco de direito né? a gente vê direito do primeiro período... até o quinto período a gente vê direito matérias de direito e como eu trabalho no meio que envolve... (hes) esses essas disciplina direito administrativo... direito tributário... direito civil também como eu já tou no meio eu já ouço todos os dias certas questões eu já vinculo a vida acadêmica por isso que eu tou meu nível de satisfação é alto porque a parte contábil... eu já trabalho vejo todos os dias e essa parte também de direito que envolve que tá inserido na na no curso eu também aproveito ela pra levar pra minha vida profissional (m 10)

(56) buracos naquilo que a pessoa está falando incoerências... então eu tinha muito isso tinha professores que não entendiam então eu levantava certo tipo de dúvida... e alguns professores achavam que eu estava... os substitutos no caso não os outros **sempre** achavam que eu **estava fazendo** aqueles tipos de pergunta para testá-los quando não era verdade é porque eles tinha me deixado confusa com o com o português dele com a maneira deles de se expressarem já enquanto eles achavam isso um defeito meus outros professores (hes) achavam que isso seria uma qualidade minha que eu sou muito questionadora então não me convenço das coisas fácil... (f 12)

(57) pra escrever... sem contar as vezes que eu ia pra casa do meu amigo Valter... brincar lá de escolinha só que lá ele era o professor... aí minha mãe ficava gritando (aí mãe ficava) “Micaelle pra casa”... e eu “não mãe deixe eu brincar de escolinha” ((risos)) então desde da minha infância... que já vem essa coisa de ser professora de ser de brincar de escolinha... (f 20)

Em (57), a situação “aí minha mãe ficava gritando” indica uma pluralidade, pois se mostra como sendo uma situação autenticamente repetida, ou seja, a ação de a mãe gritar acontecia sempre que a informante ia brincar na casa do amigo Valter, isso dentro de um período de tempo extenso. Então o aspecto habitual foi atualizado em (57), porque existe uma quantificação/modificação argumental e modificação adverbial - *sem contar as vezes que eu ia pra casa do meu amigo Valter* -, que resulta no valor final da sentença. Assim como em (57), no excerto (58) toda a construção delineia uma situação que se repetia durante um tempo extensivo, no caso o informante menciona uma situação que acontecia na vida de uma colega de classe sempre nos primeiros horários - *tava perdendo muita aula os primeiros horários tava chegando atrasada devido ao emprego*.

(58) tem eu tenho uma colega o nome dela não num vou falar não precisa citar nomes... como eu falei se você tem uma base é uma coisa se você não tem é outra ela tava no emprego tava ganhando super bem mas só que ela foi ela é o contrário ela tava perdendo muita aula os primeiros horários tava chegando atrasada devido ao emprego mas como eu falei ela tem uma base a família dela tem uma base... ela optou em deixou o emprego e foi pra continuou os estudos ela está comigo na turma supersatisfeita agora... (m 05)

As perífrases com o gerúndio marcam mais uma característica do aspecto habitual. A sucessão de eventos começa, mas não necessariamente termina, em função do *-ndo*. A duração do evento cobre todo o intervalo todo de tempo.

4.1.3 Imperfeito + participípio

No exemplo (59), o grau de factualidade/realidade apresenta um efeito de suavização do valor de verdade da proposição, pois o traço semântico-pragmático da perífrase verbal (*estava preparada*), juntamente com o modificador aspectual *normalmente*, faz emergir uma leitura quantificadora não universal, gerando efeitos de indeterminação do estatuto de factualidade da proposição.

- (59) então ela também me apoiou nesse lado porque se ela viu que eu não falei naquele momento é porque eu não estava realmente conseguindo... mas que eu **normalmente estava preparada...** e negativo assim... foi a questão de como eu já havia falado que eu esperava transporte na rua e a questão de um bêbado... (f 17)

Ainda em relação ao modificador adverbial *normalmente* foi o que tornou a proposição indeterminada em relação ao seu estatuto factual e habitual. Assim, é possível propor que tais modificadores adverbiais modalizam a ação (cf. TESCARI NETO, 2008); ao valer-se de algum desses advérbios, o falante se descompromete com o estatuto factual do estado de coisas.

4.1.4 *Perfeito + infinitivo*

A habitualidade em (60) e (61) acontece em decorrência da duração e homogeneidade presentes no léxico do auxiliar mais a presença do modificador aspectual *sempre*, este que reforçou a noção de repetição. As sentenças (60) e (61) possuem um valor aspectual: indicam repetição, eventos que não podem ser contados e são aspectualmente muito fortes. Além disso, ambas não fazem referência a um intervalo de tempo e neste alguma coisa tem duração e se repete.

- (60) F: ói com relação à turma como eu tinha dito a você agora a pouco eu sou muito espontâneo assim eu sou muito <<amigueliro>> ((risos)) entre aspas... eu gosto muito de fazer amizade... mas na hora do vamo ver na hora de estudar... eu sempre fui muito egoísta nessa questão... eu **sempre gostei de fazer** meus trabalhos sozinho... quando eu fazia com outra pessoa eu era eu sou do tipo que não confio aí eu “deixe eu faço só” aí eu trazia um monte de trabalho pra casa... e o pessoal meio que gostava... aí só que aí acabei que eu me identifiquei muito com qua- com quatro amigas só que uma delas foi embora... pra... pro Goiás... (m 04)

- (61) tive meu minha cabeça no lugar certo assim eu **sempre... busquei viver** minha vida de uma forma discreta que é o que eu acho que é o que vale que num interessa a ninguém também... nem precisa tá dizendo pra alguém... pra todo mundo “ói eu sou gay isso e aquilo”... eu tou dizendo aqui porque eu me senti bem com você... gostei da conversa a conversa fluíu acabou que eu falei (m 04)

Com a análise qualitativa das perífrases verbais na expressão da habitualidade, mesmo com a baixa ocorrência (28 ocorrências), encontramos algumas tendências de uso, como, por exemplo, o grupo 4 – ***perfeito + infinitivo*** – só marca aspecto habitual se acompanhado por um modificador aspectual. Veremos na subseção 4.2.2 que a forma simples de pretérito perfeito também apresenta o traço *presença de modificador aspectual* na

atualização do aspecto habitual, o que explica a mesma tendência para a forma composta. Já nos outros grupos existiu uma oscilação entre presença e ausência de um modificador aspectual, porque a forma nominal de gerúndio faz com que a contagem do tempo cubra todo o intervalo de tempo; além disso, faz referência a um período extensivo e neste alguma coisa tem duração ou se repete. A sucessão de eventos começa, mas não necessariamente termina, em função do -ndo, havendo sobreposição dos microeventos dentro de um intervalo de tempo ilimitado. Ou então, há repetição do evento no intervalo com um escalonamento no tempo. De qualquer forma, a ampliação da amostra subsidiaria uma análise quantitativa, a fim de testarmos as tendências detectadas no conjunto de dados descritos.

4.2 FORMAS SIMPLES PP E PI: ANÁLISE QUANTITATIVA

Nesta seção apresentamos os resultados obtidos com a rodada estatística das ocorrências de pretérito perfeito (PP) e pretérito imperfeito (PI) para a expressão da habitualidade. Nos estudos de Rodrigues (2009), já tínhamos visto alguns apontamentos para as formas simples PP e PI; por isso, tínhamos como hipótese que a forma que melhor expressaria o aspecto habitual seria o pretérito imperfeito, mesmo que nos resultados de sua pesquisa também tenha evidenciado que o pretérito perfeito, quando acompanhado de um modificador aspectual, atualiza aspecto habitual, motivo pelo qual definimos o pretérito imperfeito como valor de aplicação. Na análise de regra variável o GoldVarb X indicou variáveis estatisticamente significativas, na seguinte ordem de significância: presença/ausência de modificador aspectual e dinamicidade. Também analisamos as ocorrências em que a habitualidade apresentava outro tipo de tempo verbal em composição com outros elementos e obtivemos resultados que, depois da rodada estatística, foram excluídos, por causa da baixíssima frequência (três dados).

Partindo do estudo de Rodrigues (2009), temos como hipótese que o aspecto habitual é atualizado tanto através do uso do pretérito imperfeito quanto do pretérito perfeito. Para Rodrigues (2009), o uso do pretérito imperfeito, em si, além do imperfectivo, marca também o aspecto cursivo e habitual, este com um papel de caracterização do referente. No que se refere ao pretérito perfeito, “não se pode dizer que ele marque algum aspecto ligado à fase de desenvolvimento (início, meio, fim), já que ele é perfectivo e, por isso, um todo completo, indivisível” (RODRIGUES, 2009, p. 42). No entanto, quando se associa o pretérito perfeito a

certos advérbios, adjuntos adverbiais (ou mesmo quando o verbo é repetido), é possível expressar valores aspectuais, como: *pontual, durativo, iterativo e habitual*.

(62) não em licenciatura não... pra dar aula (hes) pra mim... química já já está de bom tamanho né? de licenciatura não... agora outra área... sim... quando eu construí minha casa... eu.. vi que eu tinha uma uma gostei de assim de acompanhar a obra de ver... de ver assim os trabalhos de tudo mais de de... me interessei muito por construção essas coisas assim me sentia bem... não é? muita gente diz que construção é estressante complicada mas... quando eu tinha um tempo disponível eu sempre ficava vendo a obra... (m 01)

(63) eu observei que o curso... em sua maior parte era um curso técnico... não é? que mostravam aulas de laboratório... que tinha sua validade né? no aprendimen- no no... no entendimento do conteúdo... mas era um curso muito técnico tinha muito muita coisa né? que que obviamente a gente nunca iria usar em sala de aula... e... oitenta por cento do curso foi foi exatamente isso né? que sempre preparou... (hes) o alunos com com cálculos... com memorização de fórmulas foi um curso muito voltado pra memorização... de fórmulas memo- (hes) <<aprendimento>> conceitos matemáticos... foi um curso pouco voltado né? realmente para... formação do professor... era mais era cálculo... e... matérias técnicas né? com que que a gente nunca iria usar em sala de aula... (m 01)

Em (62), temos o tempo verbal perifrástico e, em (63), pretérito perfeito. Os dois exemplos equivalem a situações habituais.

Como forma de sistematizar os resultados, apresentamos cada traço controlado, com o respectivo resultado, em subseções.

4.2.1 Traços aspectuais

Para analisarmos os traços aspectuais, tomamos o estudo de Bertinetto (2001), que considera três propriedades inter-relacionadas na expressão de traços aspectuais específicos do verbo, ou seja, de aspectos inerentes aos verbos: homogeneidade, dinamicidade e duratividade. Como vimos, diversos estudos têm evidenciado que o estabelecimento da expressão da habitualidade, por meio das formas simples PP e PI, está relacionado à marcação de muitos fatores linguísticos, dentre eles os traços aspectuais, supracitados (cf. VENDLER, 1957; BERTINETTO, 2001; RODRIGUES, 2009; BERTINETTO e LENCI, 2010; dentre outros).

A propriedade da homogeneidade refere-se à ausência de um limite interno inerente em uma dada situação, ou ainda a situação homogênea é aquela que não muda de natureza. Já a dinamicidade é uma propriedade caracterizada a partir da observação dos estados. Para que uma situação seja considerada dinâmica, é necessário que haja movimento, incremento de

energia e vitalidade, possuindo, assim, o traço [+ dinâmico]. Já as situações que possuem o traço [- dinâmico] são expressas quando se trata do estado, ou seja, quando a situação descrita não é relativa ao movimento, mas sim ao estado (característica). Em relação ao traço de duratividade, este se refere à duração expressa pelo verbo na situação. O traço [- durativo] é expresso quando se trata de uma situação instantânea; quando ocorre o contrário, temos a expressão do traço [+ durativo].

(64) então... meu maior plano o o mestrado né? vou tentar em algumas universidades... fora de Sergipe... depois eu pretendo o doutorado pra me tornar efetiva né? porque eu sou professora substituta... e espero conseguir tudo isso é muita coisa eu sou uma pessoa... toda vida eu **sempre falei** isso desde pequenininha eu sou muito sonhadora... e eu eu me sinto muito realizada porque tudo que eu sonhei... eu consegui até agora é tanto que eu tenho que me preparar pra um... um não como foi o caso do mestrado até que eu reagi bem... (f 19)

(65) e... oitenta por cento do curso foi exatamente isso né? que **sempre preparou**... (hes) os alunos com com cálculos... com memorização de fórmulas foi um curso muito voltado pra memorização... de fórmulas memo- (hes) <<aprendimento>> conceitos matemáticos... foi um curso pouco voltado né? realmente para... formação do professor... era mais era cálculo... e... matérias técnicas né? com que que a gente nunca iria usar em sala de aula (m 01)

Em (64) e em (65) temos os verbos **falar** e **preparar**, respectivamente, no pretérito perfeito, indicando uma atividade, em composição com o advérbio *sempre*. Como os dois verbos indicam atividade, o que pode ser entendido, de acordo com o contexto, é que temos embutidos neles os traços [+ dinâmico], [+ durativo] e [+ homogêneo], pois as situações possuem subintervalos, prolongando-se de forma indefinida. Como não temos os limites temporais delimitados, vemos situações com o traço [- télico], ou seja, as situações não se prolongam no tempo de forma contínua, mas com interrupções, o que viabiliza a interpretação habitual. No que se refere à repetição, esta é ativada pela presença do advérbio *sempre*. Assim, através do modificador adverbial, podemos ler que as situações podem continuar acontecendo, porém de forma intermitente.

O nosso objetivo ao controlar os traços aspectuais consiste em constatar se de fato tais traços são salientes dentro de uma leitura composicional do aspecto habitual. Para verificarmos a correlação entre os traços aspectuais e o aspecto habitual nos *corpora* analisados, controlamos os três traços aspectuais, a saber: durativo ([+ durativo]; [- durativo]), dinâmico ([+ dinâmico]; [- dinâmico]), homogêneo ([+ homogêneo]; [- homogêneo]). A nossa hipótese inicial é de que os traços aspectuais tenderão para [+ durativo], [+ dinâmico] e [+

homogêneo], nas duas formas verbais (PP ou PI) na expressão da habitualidade. As tabelas 3 e 4 apresentam os resultados do controle dos traços aspectuais na fala e na escrita, respectivamente.

Tabela 3: Atuação do traço aspectual duratividade na expressão do aspecto habitual (Fala)

FATORES	PI		PP		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
+ durativo	209	67,9	99	32,1	308	100
- durativo	12	92,3	1	7,7	13	100

Tabela 4: Atuação do traço aspectual duratividade na expressão do aspecto habitual (Escrita)

FATORES	PI		PP		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
+ durativo	37	80,4	9	19,6	46	100
- durativo	-	-	1	100,0	1	100

O uso do pretérito imperfeito na expressão da habitualidade está relacionado ao traço aspectual [+ durativo]. Das 308 ocorrências com o traço [+ durativo], 67,9% concentraram-se na forma de PI e 32,1% na forma PP. Independentemente da forma verbal, PI ou PP, na codificação do aspecto habitual, o traço [+ durativo] foi mais saliente, o que confirma a nossa hipótese inicial. No entanto, existe uma tendência de distribuição de frequências que aponta para a seguinte correlação aspectual: [+ durativo] >> PI; [- durativo] >> PP. Com base nos resultados obtidos, podemos afirmar que o traço aspectual [+ durativo] caracteriza a expressão do aspecto habitual. Tanto nos textos falados quanto nos escritos, o número de ocorrências superara o traço [- durativo]. Os resultados corroboram os apontamentos realizados por Vendler (1957), Bertinetto (2001), Rodrigues (2009), Bertinetto e Lenci (2010), entre outros.

Vejamos os resultados do traço aspectual dinamismo.

Tabela 5: Atuação do traço aspectual dinamismo na expressão do aspecto habitual (Fala)

Fatores	Aplicação/Total	Percentual	Peso relativo
+ dinâmico	152/217	70,0	0,43
- dinâmico	69/104	35,0	0,60
Total (Input = 0,748; Log likelihood = -136.087; significance = 0,015)			

Como já fora mencionado no preâmbulo desta seção, na rodada estatística, o fator dinamismo apresentou significância. Com base nos valores dos pesos relativos explicitados na

Tabela 5, podemos verificar que o traço [- dinâmico] favorece as ocorrências de pretérito imperfeito na expressão da habitualidade, com peso relativo de 0,64. Já na análise da Tabela 6, que corresponde aos resultados do traço [+/- dinâmico] na escrita, temos o seguinte resultado: as ocorrências de pretérito imperfeito são favorecidas pelo do traço [+ dinâmico], com peso relativo de 0,62. A forma PI na expressão da habitualidade é mais recorrente em contextos com traço [- dinâmico], como podemos verificar na Tabela 6.

Tabela 6: Atuação do traço aspectual dinamismo na expressão do aspecto habitual (Escrita)

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>Percentual</i>	<i>Peso relativo</i>
Mais dinâmico	33/39	84,6	0,60
Menos dinâmico	4/8	50,0	0,12
<i>Total</i> (Input = 0,748; Log likelihood = -136.087; significance = 0,015)			

Quanto à correlação entre o traço aspectual [+/- dinâmico] e o aspecto habitual representado pelas formas verbais, pretérito imperfeito e pretérito perfeito, constatamos que nos textos falados o traço [- dinâmico] favorece o uso de PI na expressão da habitualidade; já nos textos escritos, o traço [+ dinâmico] é que favorece o uso de PI na expressão da habitualidade. Faz-se necessário relativizar os resultados, pois a quantidade de ocorrências de PP e PI na expressão do aspecto habitual no *corpus* de escrita foi bem menor do que no da fala, talvez por esse motivo os resultados tenham sido diferenciados.

Vejamos os resultados do traço aspectual homogeneidade (Fala).

Tabela 7: Atuação do traço aspectual homogeneidade na expressão do aspecto habitual (Fala)

<i>FATORES</i>	<i>PI</i>		<i>PP</i>		<i>TOTAL</i>	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
+ homogêneo	154	66,1	79	33,9	233	100
- homogêneo	67	76,1	21	23,9	88	100

Como já vimos, a homogeneidade diz respeito ao fato de tal situação não apresentar um fim inerente, estando ligada à noção de atelicidade [+ homogêneo] e telicidade [- homogêneo]. Os resultados referentes ao uso de PP e PI para expressar aspecto habitual, no que tange ao traço homogeneidade, presentes na Tabela 7, apontam que, das 233 ocorrências das formas simples de pretérito imperfeito e pretérito perfeito, em contexto de habitualidade, o traço [+ homogêneo] prevalece, sendo que 154 (66,1%) concentraram-se em PI e apenas 79

(33,9%) em PP. E no que se refere ao traço [- homogêneo], das 88 ocorrências, 67 (76,1%) se concentram também no uso do PI. O resultado do traço homogeneidade refuta a nossa hipótese de que prevaleceria o traço [+ homogêneo] na expressão da habitualidade, pois, em termos de uso e aplicação, as formas de PP e PI possuem tanto o traço [+ homogêneo] quanto o [- homogêneo].

4.2.2 Modificadores aspectuais

O controle dos modificadores aspectuais mostrou-se estatisticamente significativo na análise da regra variável da habitualidade expressa por PI ou PP. Os modificadores aspectuais foram considerados na análise, primeiro porque partimos de uma noção composicional do aspecto e, segundo, para medir a influência que podem exercer sobre os valores semânticos do verbo. Tomando por base a perspectiva da composicionalidade do aspecto, temos como hipótese que os modificadores aspectuais auxiliam na leitura do aspecto habitual, pois muitas sentenças resultam ambíguas entre os aspectos habitual, contínuo e iterativo, principalmente quando a forma verbal é a de pretérito perfeito. Assim, para resolvermos essa ambiguidade, recorreremos à leitura composicional do aspecto, tomando com suporte os modificadores aspectuais (WACHOWICZ, 2003).

Consideramos a função dos modificadores aspectuais na composição do aspecto habitual, pois, quando uma ação se repete de forma habitual, o verbo, geralmente, vem acompanhado por modificadores aspectuais, como, por exemplo, *advérbios e locuções adverbiais* que indiquem frequência, tais como: *normalmente, sempre, todos os dias*, dentre outros (TRAVAGLIA, 2006; RODRIGUES, 2009). Estes, por sua vez, estão, tipicamente, associados a situações mais durativas:

(66) [...] olhe... na (hes) na minha turma que é a turma que tá se formando... é uma turma que **sempre teve envolvida** dentro dos projetos de pesquisa... né? (f 15)

(67) e... oitenta por cento do curso foi exatamente isso né? que **sempre preparou...** (hes) os alunos com cálculos... com memorização de fórmulas foi um curso muito voltado pra memorização... de fórmulas memo- (hes) <<aprendimento>> conceitos matemáticos... foi um curso pouco voltado né? realmente para... formação do professor... era mais era cálculo... e... matérias técnicas né? com que que a gente nunca iria usar em sala de aula (m 01)

Em (66) e em (67), temos os verbos *estar* (verbo auxiliar da locução verbal: *teve [esteve] envolvida*) e *preparar*, respectivamente, no pretérito perfeito em composição com o

advérbio *sempre*. As situações se prolongaram de forma indefinida. Como não temos os limites temporais delimitados, o traço [- télico] está embutido, ou seja, as situações não se prolongam no tempo de forma contínua, mas com interrupções, o que viabiliza a interpretação habitual tanto com a forma perifrástica (66) e como com a forma simples (67). No que se refere à repetição, esta é ativada pela presença do advérbio *sempre*, porque, com a entrada do modificador aspectual *sempre* a situação é vista como durativa. Vale destacar que a situação não é vista como única e durativa, mas sim como repetida, sendo que não é informado se cada repetição durou ou não. Por meio do modificador adverbial, podemos ler que as situações podem continuar acontecendo, porém de forma intermitente. Assim, podemos dizer que, tanto em (66) como em (67) se atualiza o aspecto habitual: o significado aspectual final é o de que as situações ali expressas são vistas como se repetindo indeterminadamente ao longo do tempo, o que caracteriza o aspecto habitual manifestado. Assim, como já foi referido, tais advérbios e adjuntos adverbiais são considerados com o objetivo de verificar a influência que podem exercer sobre o aspecto habitual. Partimos do pressuposto apontado por Wachowicz (2003), Bertinetto e Lenci (2010) e Rodrigues (2009) de que advérbios e adjuntos adverbiais quantificadores podem modificar uma leitura aspectual, por exemplo, de valor continuativo para habitual.

Nas tabelas 8 e 9, os resultados evidenciam que a forma de PI na expressão da habitualidade predomina em contextos de ausência do modificador aspectual. Por outro lado, a forma de PI predomina com a presença de modificador aspectual. Os resultados corroboram a nossa hipótese, mas ainda esperávamos que o fator presença de modificador aspectual favorecesse também a forma de pretérito imperfeito, como aponta a literatura.

Tabela 8: Atuação do uso de modificador aspectual na expressão do aspecto habitual (Fala)

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>Percentual</i>	<i>Peso relativo</i>
Presença	29/104	27,9	0,10
Ausência	192/217	88,5	0,74
Total (Input = 0,748; Log likelihood = -136.087; significance = 0,015)			

Tabela 9: Atuação do uso de modificador aspectual na expressão do aspecto habitual (Escrita)

<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>Percentual</i>	<i>Peso relativo</i>
Presença	5/13	38,5	0,07
Ausência	32/34	94,1	0,74
<i>Total</i> (Input = 0,896; Log likelihood = - 14.076; significance = 0,040)			

Tal resultado aponta para um traço na leitura composicional do aspecto habitual: a presença de modificador aspectual tende a favorecer a forma de PI, já a ausência de modificador tende a favorecer a forma de PP, como representado em representado no Quadro 7.

Quadro 7: Correlação entre os modificadores aspectuais e as formas de PI e PP na expressão do aspecto habitual

<i>Pretérito imperfeito</i>	<i>Pretérito perfeito</i>
+ Ausência de modificador aspectual	- Ausência de modificador aspectual

Segundo Wachowicz (2003), os modificadores aspectuais e o contexto desempenham um papel fundamental na escolha de, por exemplo, uma leitura habitual ou iterativa. Além de evidenciar essa afirmação, foi possível comprovar que a presença ou a ausência de modificadores aspectuais favorecem o uso de PI e PP.

4.2.3 Classes acionais de Vendler + cognição

Seguindo outros estudos que controlaram valores aspectuais de acordo com o tipo de verbo, seguimos a proposta de classificação de Vendler (1957), mais a categoria dos verbos cognitivos, conforme proposta de Coan (1997) para a variação na expressão do tempo pretérito mais-que-perfeito: atividade (ação/movimento, ação/transformação, ação/dicendi), estado, achievements e cognitivos (de processo mental). Por meio do controle das classes acionais de Vendler (mais cognição), pretendemos investigar a influência exercida pelos tipos de verbos na atualização das formas verbais, pretérito imperfeito e pretérito perfeito, para expressão da habitualidade, de modo a verificar se algum tipo de verbo se destaca na atualização da habitualidade. As classes acionais propostas por Vendler têm se mostrado

influentes em fenômenos que lidam com o aspecto. Sendo assim, faz-se pertinente testar a influência nos *corpora* em análise. O controle foi feito da seguinte forma:

Atividades – consideramos como verbos de atividade aqueles que expressam situações dinâmicas, tais como *trabalhar, escrever, estudar, andar* etc.

- (68) F: sei lá... eu num tenho a mínima ideia... do que eu faria deixe eu ver... primeiro... ia fazer uma casa mais confortável pra minha mãe... o pri- pra minha mãe parar de trabalhar com certeza... ia fazer minha mãe viajar duas vezes por ano pra ela curtir a vida que ela sempre trabalhou pra manter os filhos e... e nunca curtiu a vida nunca fez nenhuma viagem eu ia assim... (f 13)

Achievements – consideramos como *achievements* aqueles verbos pontuais, ou seja, sem duração inerente. Seu limite inicial coincide com seu limite final, respondem à pergunta “em que momento/hora”.

- (69) Só que na época eu ajudava a minha mãe em casa, mas também era eu quem comprava as minhas coisas pessoais. (fnp43)

Accomplishments – consideramos como *accomplishments* aqueles verbos de duração temporal definida, isso porque apresentam limite final evidenciado (situações télicas). Evidenciam situações não percebidas como verdadeiras quando interrompidas. Respondem à pergunta “em quanto tempo”.

- (70) então pensei muitos vezes em desistir porque estava no segundo período... era só eu... aí o que fazer? ficar esperando em Itabaiana não teria condições de ficar esperando na universidade... então tinha que pagar pra vim até Campo do Brito... em Campo do Brito eu ficava uma hora... uma hora e meia na chuva... no frio... sozinha aventurando se o carro iria ou não iria buscar... chegava em casa traumatizada... então pra mim foi muito difícil... (f 17)

Estados – consideramos como verbos de estado os que delineiam situações também durativas, mas que não podem ser divididas em fases (homogeneidade). Não apresentam limite final inerente. São verbos que não remetem a ação/movimento, ou seja, são situações menos dinâmicas que exprimem propriedades, localização, condição, estado etc., como os verbos *ser, estar, parecer, ter*, entre outros.

- (71) gostei mais pela parte dos professores que eu tive mais pela parte do conhecimento que eu adquiri aqui e do que eu pude vivenciar aqui dentro mas mas quando eu falo de vivência não é muito com as pessoas não é muito com os meus colegas mas da vivência que eu tive dentro dos ... com os professores sempre estive engajada com assuntos que diziam

respeito ao curso e com o aprender mesmo porque eu realmente gosto eu gosto de tirar minhas dúvidas eu gosto de aprender (f 12)

Cognição: são verbos ligados ao processamento cognitivo, à percepção ou estímulo mental, tais como *pensar, lembrar, entender, impressionar, agradar* etc.

(72) então a princípio eu escolhi fazer jornalismo... porque eu gostava muito de ler e escrever... mas depois eu vi que na verdade isso não é o suficiente pra você fazer... esse curso ((barulho da moto)) que exige uma série de outras coisas como você ser... (hes) não ser tímido... você saber fazer abordar a pessoa... e vários outros fatores... en- e assim desde criança... eu eu sempre pensei... depois quando quando eu comecei a imaginar em faz a fazer um curso sempre imaginei jornalismo nunca tive... outra pretensão assim de ser professora ou fazer qualquer... outra habilitação mesmo sempre quis jornalismo e foi... o que aconteceu num num tive outro pensamento outra escolha (f 11)

A partir de estudos que lidam com aspecto habitual correlacionado com o tipo do verbo, tomamos como hipóteses que: i) verbos de atividade acompanhados do advérbio *sempre*, preferencialmente, atualizam o aspecto habitual; o significado aspectual final é de que as situações expressas são vistas como se repetindo indeterminadamente ao longo do tempo (o que caracteriza o aspecto habitual), o que está correlacionado com verbos de atividade; ii) verbos de estado tendem a barrar o aspecto habitual. Abaixo apresentamos as tabelas 10 e 11 com os resultados quantitativos.

Tabela 10: Atuação das classes acionais de Vendler + cognição na expressão do aspecto habitual (Fala)

FATORES	PI		PP		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Achievements	4	66,7	2	33,3	6	100
Atividade	157	72,0	61	28,0	218	100
Cognitivo	37	69,8	16	30,2	53	100
Estado	23	52,3	21	47,7	44	100

Quanto à atuação do tipo do verbo na expressão da habitualidade pela forma de PI, assim como tínhamos por hipótese, os verbos de atividade, preferencialmente, atualizam o aspecto habitual, por serem verbos com os traços [+durativo], [+ dinâmico] e [+ homogêneo]. Em primeiro lugar, temos os verbos de atividade com 72,0%; em segundo, os de cognição, com 69,8%; os verbos *achievements* com 66,7% em terceiro; e, por último, os de estado, com 52,3%. Em valores absolutos, os verbos *achievements* tiveram poucas ocorrências (6 ao total). Isso pode ser explicado porque os *achievements* são situações pontuais, ou seja, sem

duração inerente; seu limite inicial coincide com seu limite final, por isso tende a coibir a aplicação do aspecto habitual.

Tabela 11: Atuação das classes acionais de Vendler + cognição na expressão do aspecto habitual (Escrita)

FATORES	PI		PP		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Achievements	5	100,0	-	-	5	100
Atividade	21	72,0	5	28,0	26	100
Cognitivo	8	61,5	5	38,5	13	100
Estado	3	100,0	-	-	3	100

Na tabela 11, apresentamos os resultados da atuação do tipo do verbo no uso do pretérito imperfeito para a expressão da habitualidade na escrita. Assim como na fala, houve regularidade quanto à atuação do tipo de verbo na codificação do aspecto habitual. Em termos de percentual, os verbos *achievements* e os de estado, basicamente, não tiveram ocorrências. Isso pode ser explicado, porque os *achievements* são situações pontuais, ou seja, sem duração inerente; seu limite inicial coincide com seu limite final, por isso tendem a coibir a aplicação do aspecto habitual. E os verbos de estado representam um *continuum*, não possuem grãos ou fases sucedendo uma a outra, são verbos [- dinâmicos], por isso não são tão expressivos em uma leitura habitual.

A segunda hipótese para o fator tipo de verbo era a de que os de estado tendiam a barrar o aspecto habitual, mas tanto nas análises da fala como na escrita apareceram, mesmo que em menor percentual, verbos de estado. Verbos de estado, por representarem um *continuum*, não possuem grãos ou fases sucedendo uma a outra, são verbos [- dinâmicos], por isso não seriam tão expressivos em uma leitura habitual. No entanto, de acordo com nossos resultados, a forma de PP está relacionada a este tipo de classe de verbo, mas associado a um modificador aspectual, partindo assim da composicionalidade do aspecto; um fator está ligado ao outro, por isso temos ocorrências de verbos de estado na expressão da habitualidade.

4.2.4 Gradações de modalidade

As categorias gramaticais precisam ser vistas num *continuum*, que contempla uma gradualidade, formando um conjunto irregular, relativo e impreciso, dinamicamente organizado, cujos traços constitutivos não são partilhados igualmente por todos os itens que a constituem. Então, assim como outras categorias, a modalidade pode ser controlada de forma

escalar, prevendo gradações, a partir das quais podem ser correlacionadas formas ou funções. Seguimos uma proposta escalar, distribuída em quatro graus do [- *irrealis*] ao [+ *irrealis*], levando em conta alguns critérios contextuais que indicam o maior/menor grau de certeza expresso no enunciado, conforme sugere Givón (2001) (Quadro 8)¹¹.

Quadro 8: Escala de gradação de modalidade (FREITAG; ARAUJO; BARRETO, 2013, p. 108)

<i>Irrealis</i> 1 (grau 1) – corresponde ao <i>realis</i> ; apresenta situações fortemente assertadas – factuais. No nível do analista, a factualidade se verifica no contexto linguístico concomitante à função ou pressuposta.
<i>Irrealis</i> 2 (grau 2) – corresponde ao grau mínimo de <i>irrealis</i> ; está correlacionado a situações que provavelmente/eventualmente ocorreram. No nível do analista, a factualidade se verifica no contexto linguístico subsequente, inter/intratópico.
<i>Irrealis</i> 3 (grau 3) – corresponde a situações impossíveis de ocorrerem. No nível do analista, a não factualidade se verifica no contexto linguístico concomitante à função.
<i>Irrealis</i> 4 (grau 4) – corresponde ao grau máximo de <i>irrealis</i> , pois a asserção é negada. No nível do analista, se verifica linguisticamente pelo marcador de negação.

Para observarmos a influência da modalidade na expressão do aspecto habitual, controlamos a gradação de modalidade, que vai do [+ *irrealis*] ao [– *irrealis*]. O traço de modalidade do valor habitual é, no entanto, ambíguo: apesar de a maioria dos contextos de habitual serem fortemente assertados como *realis*, o traço mais importante da expressão dessa modalidade – a sua associação a eventos específicos que ocorrem num tempo específico – está ausente nessa função, já que a habitualidade é um valor semântico-discursivo que recobre uma situação sistematicamente repetida em diferentes ocasiões – presente, passado, ou ambos (COMRIE, 1976) –, estando próxima do valor atemporal. A ideia de gradação de modalidade na habitualidade precisa ser observada pela presença de elementos que auxiliem na codificação do aspecto habitual, como, por exemplo, advérbios e locuções adverbiais de frequência e o próprio traço inerente ao verbo, a fim de destacar a possibilidade de se fazer uma leitura [- *irrealis* (grau 1)] ao [+ *irrealis* (grau 4)]. Podemos, evidentemente, ter um hábito negado, no entanto não podemos ter a instância em que pode ou não pode haver o hábito.

¹¹ Decorrente da redefinição comunicativa da modalidade aristotélica, a categoria modalidade passa a ser tratada, no contexto comunicativo, com os tipos lógicos redefinidos em: pressuposição (verdade necessária), asserção *realis* (verdade factual), asserção *irrealis* (verdade possível) e asserção negada (não-verdade) (GIVÓN, 2001).

(73) mas ele não só leciona... ele também ele já foi ele já foi auditor fiscal ele já teve uma empresa de consultoria... mas como ele mesmo falou que ganhava bem em tudo (m 05)

(74) saber escrever muito bem... no idioma inglês e no seu próprio idioma... inclusive pessoas de outros países a Google... costumava também contratar... para fazer as traduções... né? que a... que como o Google trabalha com o mundo inteiro precisa... (m02)

Givón (2001), na sua proposta de redefinição comunicativa para a modalidade de tradição aristotélica, correlaciona a modalidade ao grau de factualidade/realidade da proposição, podendo ser uma asserção *realis*, como destacado em (73) – proposição fortemente assertada como verdadeira -, ou *irrealis*, como destacado em (74) – proposição fortemente assertada como possível, provável ou incerta.

Dentro da literatura, o aspecto habitual tende a ser relacionado à modalidade *realis*, mas há autores que sinalizam a possibilidade de correlação entre esta função à modalidade *irrealis*, especialmente em contextos com valor imperfectivo (GIVÓN, 2001; CRISTÓFARO, 2004; FREITAG, 2011). Isso porque o uso do passado habitual suscita um efeito de indeterminação da factualidade em certos contextos, principalmente, quando há modificadores adverbiais de frequência, como *normalmente*, *habitualmente* etc., que sugerem a emergência de um descomprometimento do falante em relação ao que diz na proposição, o que nos leva a entender que uma das características do aspecto habitual é a expressão da modalidade *realis* e/ou *irrealis*.

Quanto à correlação entre a gradação de modalidade e a expressão da habitualidade, os resultados evidenciam que o aspecto habitual em termos de aplicação pode estar relacionado ao Grau 1. Como vimos, é o tipo de grau em que há um valor de assertividade na situação relatada, denotando um grau de comprometimento do falante com a situação enunciada. Há um maior número de contextos de Grau 1 com a forma verbal de pretérito imperfeito: de 294 ocorrências, 196 são de PI. Mas o pretérito perfeito também é favorecido pelo Grau 1, principalmente quando acompanhado de um modificador aspectual. É importante destacar que, assim como defendido por Givón (2001) e Cristófaró (2004), o aspecto habitual também pode ser suscitado em contextos de [+ *irrealis*], pois tivemos ocorrências de graus 3 e 4, os quais estão mais distantes do *realis*. Os resultados obtidos com o controle da gradação de modalidade podem ser visualizados nas tabelas 12 e 13, fala e escrita, respectivamente.

Tabela 12: Atuação da gradação de na expressão do aspecto habitual (Fala)

FATORES	PI		PP		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Grau 1	196	66,7	98	33,3	294	100
Grau 2	13	92,9	1	7,1	14	100
Grau 3	10	90,9	1	9,1	11	100
Grau 4	2	100	-	-	2	100

Tabela 13: Atuação da gradação de modalidade na expressão do aspecto habitual (Escrita)

FATORES	PI		PP		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Grau 1	32	80,0	8	20,0	40	100
Grau 2	4	80,0	1	20,0	5	100
Grau 4	1	50,0	1	50,0	2	100

Então, observar a modalidade no aspecto habitual a partir de gradações de modalidade é uma alternativa viável, assim como comprovado por Freitag, Araujo e Barreto (2013).

4.2.5 Especificação da reiteração

A especificação numérica dos microeventos que compõe o aspecto habitual pode ser [+ específica] ou [- específica]. Especificar o número dos microeventos é equivalente a explicitar a duração do macroevento. Quanto maior a frequência da repetição da situação, mais próximo da leitura aspectual habitual; ao passo que, quanto maior a quantificação da situação, mais distante de uma leitura aspectual habitual, porque, em uma leitura habitual, não se faz necessário entrar em cálculos (quantificação).

Segundo Bertinetto e Lenci (2010), os contextos que delineiam habitualidade serão [- específico]; tendo em vista isso, analisamos a atuação da especificação da reiteração no uso do PI e PP para a expressão da habitualidade na fala e na escrita, a fim de investigar se de fato o traço [- específico] auxilia em uma leitura habitual. Vale destacar que toda reiteração está associada a uma duração, assim em situações [+ específicas], pode-se perguntar: “quantas vezes?”. Já situações [- específicas] são tratadas em termos indefinidos, não respondendo assim à pergunta “quantas vezes?” (ILARI, 2001). Os excertos (75) e (76) ilustram situações [+ específica] e [- específica], respectivamente.

- (75) e eu fiquei nervosa pensando que num ia saber fazer as coisas e depois disso eu percebi que... que a gente aprende tudo... peguei (hes)... experiência rápido até... **quando** outras pessoas **chegavam** pra trabalhar no meu setor eu que **dava**... explicação sobre o funcionamento dali sobre várias coisas então... (hes) aprendi muita coisa... (f 18)

Em (75), a situação de *dava... explicação* marca uma atividade, pois o desenvolvimento da situação não se encaminha para um ponto terminal, porque anteriormente há a referência ‘quando outras pessoas chegavam no mesmo setor’, que indica uma ação habitual de *dar explicações* sobre o funcionamento do local, ocorrendo uma situação [+ específica]. Já em (76), as ocorrências de aspecto habitual – *sempre enxerguei* e *sempre gostei* – formadas por um modificador aspectual e uma forma simples de pretérito perfeito, denotam situações [- específicas], já que as reiteraões não são delimitadas, assim como foi em (75).

- (76) F: sim foi um sonho de infância... desde a oitava série do ensino fundamental... eu já tinha (hes)... certeza de que a minha... carreira seria na área da computação... eu **sempre enxerguei** a área de tecnologia em geral... co- como uma área bastante promissora... e eu estava certo... é fácil perceber... que quem investiu... desde cedo... nessa área está colhendo os frutos hoje... foi isso que me motivou... que seria a oportunidade clara... de ter uma carreira sólida... em algo que eu **sempre gostei** de fazer (m 02)

Vejamos os resultados do traço especificação da reiteração.

Tabela 14: Atuação da especificação da reiteração na expressão do aspecto habitual (Fala)

FATORES	PI		PP		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
+ específico	54	85,7	9	14,3	63	100
- específico	167	64,7	91	35,3	258	100

Tabela 15: Atuação da especificação da reiteração na expressão do aspecto habitual (Escrita)

FATORES	PI		PP		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
+ específico	10	90,9	1	9,1	11	100
- específico	27	75,0	9	25,0	36	100

Os resultados apontam que o traço [- específico] apresenta correlação acentuada no estabelecimento do aspecto habitual na amostra sob análise, pois, em termos de aplicação/total, de 321 ocorrências, 258 foram do traço [- específico] nas formas verbais de PI e PP; e na escrita, de 47 ocorrências, 36 foram de [- específico], também nas duas formas

verbaux analisadas. Os resultados são bastante significativos, nos permitindo afirmar que o traço [- específico] está correlacionado no uso do pretérito imperfeito e pretérito perfeito para a expressão da habitualidade, confirmando nossa hipótese.

4.2.6 Tipo de sequência textual

Baseado em estudos como o de Rodrigues (2009), tínhamos por hipótese que a sequência textual narrativa favoreceria a ocorrência do aspecto habitual, já que a característica de cronologia das informações na linha do tempo da narração é um fator preponderante para o aspecto habitual. Tal hipótese fora confirmada. Vejamos alguns excertos com as sequências textuais: narrativo, descritivo e dissertativo, respectivamente.

(77) eu **sempre gostava** de ensinar as pessoas... por exemplo **sempre ensinei** banca as pessoas vizinhas... aos meus vizinhos entendeu?... e eu gos- eu gosto disso... eu... tá um curso (edificante) pra mim eu tou fazendo tou gostando... entendeu? e não era um sonho de infância que eu nunca tive sonho sonho... “ah eu quero ser médica... ah eu quero ser professora... não eu sempre quis crescer na vida independente de... em que ramo seja entendeu?... mas aí como quan- como eu me identifiquei com isso... aí foi de bom grado assim tou fazendo e tou amando o curso (f 14)

(78) minha infância tranquila **sempre fui uma criança... que nunca dei trabalho a professora** minha mãe ia lá na escola e... perguntava sobre o meu comportamento a professora dizia não... essa menina nem fala tal ... (f 18)

(79) **então a princípio eu escolhi fazer jornalismo... porque eu gostava muito de ler e escrever...** mas depois eu vi que na verdade isso não é o suficiente pra você fazer... esse curso ((barulho da moto)) que exige uma série de outras coisas como você ser... (hes) não ser tímido... (f 11)

A seguir apresentamos os resultados quantitativos.

Tabela 16: Atuação do tipo textual na expressão do aspecto habitual (Fala)

FATORES	PI		PP		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Descritivo	11	78,6	3	21,4	14	100
Narrativo	201	69,3	89	30,7	290	100
Dissertativo	9	52,9	8	47,1	17	100

Tabela 17: Atuação do tipo textual na expressão do aspecto habitual (Escrita)

FATORES	PI		PP		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Opinativo	8	80,0	2	20,0	10	100
Narrativo	29	78,4	8	21,6	37	100

O texto narrativo favorece a emergência do valor aspectual habitual, visto que das 321 ocorrências de aspecto habitual, 290 foram em sequências narrativas, com um total de 69,3%. O aspecto habitual é favorecido pela sequenciação temporal: o significado aspectual final é de que as situações ali expressas são vistas como se repetindo indeterminadamente ao longo do tempo, o que caracteriza o aspecto habitual manifestado, além do que este aspecto está relacionado com verbos de atividade, tipo de verbo que possui dinamicidade e duratividade. O aspecto habitual delinea situações que são características de um período de tempo extenso, tão extenso que a situação a que se refere é vista não como uma propriedade acidental do momento, mais precisamente como um traço característico de um período completo (COMRIE, 1976). É interessante destacar que a amostra sob análise é composta, em sua grande maioria, por narrativas de relatos pessoais, que seguem uma cronologia das informações na linha do tempo. Dessa forma, pode-se afirmar que o favorecimento do tipo de sequência textual está ligado ao tipo de relato feito pelos informantes, que, por sua vez, favorecia o aparecimento do pretérito imperfeito na expressão de habitualidade. Tal constatação se enquadra também no corpus da escrita, conforme Tabela 17.

4.2.7 Agentividade

Além dos traços linguísticos explicitados anteriormente, levamos em consideração, dentro do aspecto da transitividade, a agentividade, seguindo os parâmetros de Coan e Pontes (2012). Um evento é caracterizado de forma escalar no tocante a sua transitividade a partir das propriedades semânticas do agente, paciente e verbo da oração analisada, que também são fornecidas em termos de graus. Consideramos um sujeito ativo (80) aquele que é o agente da ação expressa pelo verbo, já o sujeito passivo (81) aquele que recebe a ação denotada pelo verbo.

- (80) eu sempre fui um bom aluno em geografia e história eu sempre passava porque é aque- no ensino médio aquele negócio de (coletivo) num é como faculdade nunca é o que a gente pensa que vai ser só quando a gente tá lá é que a gente sabe... aí... em história eu sempre

fui decorar a data e isso e aquilo passava... quando eu cheguei lá que eu vi que era totalmente diferente que num era aquela história que eu estava acostumado a ser (hes)

- (81) e... oitenta por cento do curso foi foi exatamente isso né? que sempre preparou... (hes) o alunos com com cálculos... com memorização de fórmulas foi um curso muito voltado pra memorização... de fórmulas memo- (hes) <<aprendimento>> conceitos matemáticos... foi um curso pouco voltado né? realmente para... formação do professor... era mais era cálculo... e... matérias técnicas né? com que que a gente nunca iria usar em sala de aula

Vejamos os resultados quantitativos quanto à agentividade.

Tabela 18: Atuação da agentividade na expressão do aspecto habitual (Fala)

FATORES	PI		PP		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Sujeito passivo	24	58,5	17	41,5	41	100
Sujeito ativo	197	70,4	83	29,6	280	100

Tabela 19: Atuação da agentividade na expressão do aspecto habitual (Escrita)

FATORES	PI		PP		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Sujeito passivo	8	61,5	5	38,5	13	100
Sujeito ativo	29	85,3	5	14,7	34	100

Na análise dos dados, a presença de um sujeito ativo está relacionado com a forma de PI na expressão da habitualidade, conforme descrito nas tabelas 18 e 19.

4.3 CORRELAÇÃO ENTRE FORMAS E CONTEXTOS DE USO

O aspecto habitual possui algumas especificidades. No quadro 6, sistematizados as tendências de uso de PP e PI na expressão do aspecto habitual a partir dos resultados obtidos em relação aos traços controlados.

Quadro 9: PP e PI na expressão do aspecto habitual

	PP	PI
Modificador aspectual	presença de modificador aspectual	ausência de modificador aspectual
Duratividade	+ durativo	- durativo
Dinamismo	- dinâmico	+ dinâmico
Homogeneidade	+ homogêneo	+ homogêneo
Tipo semântico-cognitivo do verbo	estado	atividade

Gradações de modalidade	grau 1	grau 1
Especificação da reiteração	- específico	+ específico
Tipo de sequência textual	narrativo	narrativo
Agentividade	sujeito ativo	sujeito ativo

Quanto à presença/ausência do modificador aspectual, em contextos de PP o aspecto habitual é atualizado com a presença de modificadores aspectuais, cujos principais, encontrados nos *corpora* foram: *sempre, geralmente, todo (s) os dia (s)*. Já em contextos de PI, o aspecto habitual tende a ser atualizado sem modificadores aspectuais, porque o PI está no domínio da imperfectividade e, por si só, denota uma situação passada habitual. Em relação ao traço aspectual de duratividade, o aspecto habitual no âmbito do PP é condicionado, favoravelmente, pelo traço [+ durativo], ao passo que com PI manifesta tendência a ser utilizado em situações [- durativas]. No que se refere ao traço de homogeneidade, tanto em contextos de PP como de PI, na expressão da habitualidade, o traço [+ homogêneo] prevaleceu. Tal resultado ocorre porque o aspecto habitual é durativo e não é subdividido em fases. Já o traço de dinamismo sofre alteração a depender da ocorrência de habitual se com PP ou PI. Quanto o aspecto habitual é codificado por PP, a situação é [- dinâmica]; já por PI, é [+ dinâmica]. Com relação ao traço semântico-cognitivo do verbo, verificamos que alguns tipos se destacam na atualização do aspecto habitual, como, por exemplo, a forma de pretérito perfeito está mais relacionada aos verbos de estado e a forma de pretérito imperfeito aos verbos de atividade. É interessante destacar que esse resultado está associado ao fator presença/ausência de modificador aspectual, pois a forma de PP necessita da presença de um modificador aspectual e verbos de estado também necessitam, porque sem a presença dariam indícios de aspecto contínuo e não habitual.

Levando em consideração a influência da modalidade *realis* no aspecto habitual, com nossos resultados, foi possível asseverar que de fato é o traço modal que está associado à habitualidade. Podemos, evidentemente, ter um hábito negado – grau 4; no entanto não podemos ter a instância de que pode ou não pode haver o hábito. No que se refere ao fator especificação da reiteração; concluímos que quando o aspecto habitual é codificado pela forma de PI a repetição tende a ser [+ específica], resultado que não esperávamos, já que o traço [+ específico] na categoria *especificação da reiteração*, assim como assinala Bertinetto (2001), está associado ao aspecto iterativo, já que são repetições “mais contáveis”. O tipo de sequência textual que favorece a ocorrência do aspecto habitual é o narrativo, o que é de se

esperar, já que são nas narrativas que relatamos acontecimentos passados e costumamos utilizar o pretérito imperfeito (imperfectivo). Levando em consideração a influência dos níveis de articulação discursiva, constata-se que o intertópico é mais saliente na codificação do aspecto habitual, isso porque as expressões que indicavam habitualidade, geralmente, estavam no início do tópico discursivo. Considerando a transitividade verbal a presença de um sujeito ativo favorece a ocorrência do aspecto habitual.

Nos gráficos 2 e 3, dispostos a seguir, é possível verificar um balanço final dos fatores mais relevantes encontrados na nossa pesquisa.

Gráfico 2: Fatores mais relevantes na fala

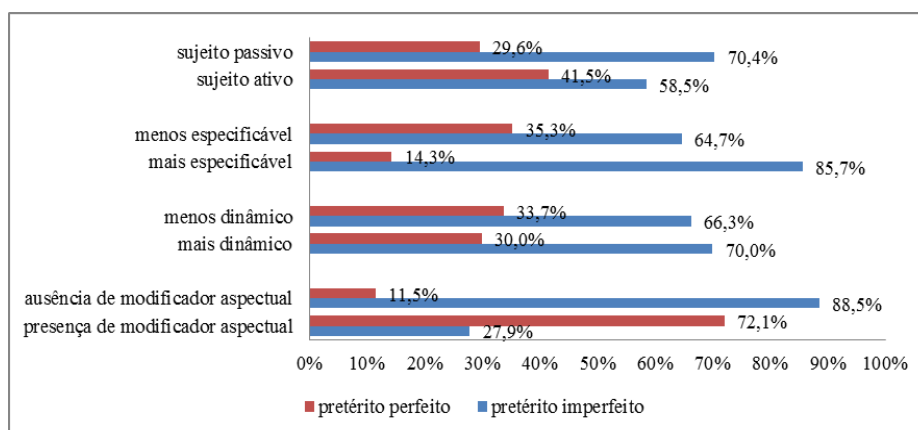
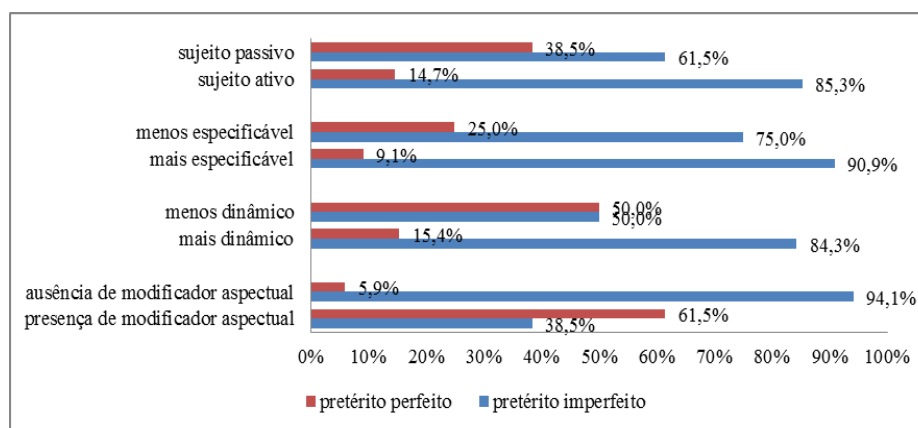


Gráfico 3: Fatores mais relevantes na escrita



Considerando o processo de gradiência proposto por Bybee et al. (1994), o aspecto habitual apresenta um *continuum* conforme descrito no Quadro 10, que poderia sugerir uma trajetória da expansão/sobreposição das formas de PP e PI na expressão da habitualidade.

Quadro 10: *Continuum* das formas de PP e PI quanto à expressão da habitualidade

[PP]	← ASPECTO HABITUAL →	[PI]
Homogeneidade >> Duratividade >> Especificidade >> Dinamicidade >> Modificador aspectual		

As trajetórias de mudança pressupõem estágios de menor estabilidade do sistema, na medida em que ocorre a sobreposição de formas para o desempenho de uma mesma função (aspecto habitual). O que pudemos descobrir por meio do *continuum* é que enunciados com a estrutura: *modificador aspectual* + *verbo estativo* + *PP* atualizam o aspecto habitual, em que a situação é vista como única e durativa, sem interrupções no seu tempo de duração, mas se repetindo indeterminadamente, já que os limites finais não são visíveis. Também as estruturas com *verbo de atividade* + *PI* ou *modificador aspectual* + *verbo não estativo* + *PI* também atualizam o aspecto habitual, fazendo com que a situação seja percebida não como única, mas como se repetindo indeterminadamente. Além disso, por meio da decomposição das classes aspectuais de Vendler elaborada por Bertinetto (2001), chegamos à conclusão de que os verbos estativos favorecem a emergência do aspecto habitual em interação com PP devido ao seu traço [– dinâmico] e pela presença do modificador aspectual. Em contrapartida, verbos de atividade favorecem o aspecto habitual em interação com PI e, em alguns casos, com a presença de um modificador aspectual, por compartilharem o traço [+ dinâmico].

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve por objetivo identificar os fatores linguísticos que favoreciam a expressão da habitualidade. Por meio deste estudo, verificamos que o aspecto habitual pode ser desempenhado por formas verbais simples - *pretérito perfeito e pretérito imperfeito* – e algumas formas perifrásticas, principalmente as que possuem como verbo pleno a forma nominal gerúndio. As variantes PP e PI na expressão da habitualidade são equilibradas, mas mostraram certa especificidade, assim como descrito na seção 4.3. Procuramos investigar quais os contextos linguísticos e sociais que promovem o uso de PP e PI na expressão da habitualidade e os resultados confirmaram a maioria de nossas hipóteses.

No primeiro capítulo, traçamos um panorama de alguns estudos que lidam com o aspecto habitual, a fim de apresentarmos a nossa abordagem alinhada ao uso linguístico. Para tanto, apresentamos o conceito de aspecto e alguns dos estudos que abarcam o valor habitual. Ainda nesse capítulo, apresentamos uma visão composicional de aspecto, com interação entre os componentes gramaticais e lexicais. O olhar dado a pesquisa foi guiado pelo funcionalismo cognitivista norte-americano (BYBEE, 2010; GIVÓN, 2011), com a noção de gradiência aspectual proposta por Bybee et al. (1994).

No segundo capítulo, considerando que nossa proposta tem o objetivo de contribuir também para o ensino de língua portuguesa, apresentamos uma análise descritiva de alguns compêndios gramaticais do português, tendo em vista o tratamento dado à expressão do valor habitual. Para tanto, subdividimos a descrição por classificações de gramáticas, enquadrando-as em: gramáticas históricas, gramáticas normativas, gramáticas pedagógicas e gramáticas descritivas. Em linhas gerais, evidenciamos que o tratamento dado ao aspecto nas gramáticas varia de acordo com o tipo e com o autor, como, por exemplo: nas gramáticas descritivas, o detalhamento é mais explícito; já nas normativas e pedagógicas, com ressalva da gramática normativa de Cunha e Cintra (2008), o detalhamento é mais específico e limitado. Vale destacar que entendemos que a finalidade de tais gramáticas não é sistematizar os traços que compõem a categoria aspecto, mas todas as evidências que trazem embutidas na explicação da categoria verbo são importantes, pois nos mostram a necessidade de refinarmos nosso estudo a fim de contribuir para o ensino de língua portuguesa. Além das possibilidades de refinamento nas gramáticas, podemos, com nossa pesquisa, contribuir para a aplicação do

aspecto habitual no processamento automático da linguagem, pois, como evidenciam Evangelista, Santana e Freitag (no prelo), pelo fato de comporem uma classe gramatical complexa (com traços semânticos, morfológicos e pragmáticos), o processamento computacional de verbos é tarefa igualmente complexa. Sendo assim, com uma descrição sistemática dos traços que compõem o aspecto habitual, podemos evitar as ambiguidades geradas no processamento computacional da etiquetagem de verbos, pois, quanto maior especificado quais fatores geram uma leitura habitual, melhor será para esse tipo de processamento. Tal descrição também é produtiva para explicarmos a categoria verbal nas aulas de língua portuguesa.

No terceiro capítulo, explicamos a nossa proposta alinhada ao uso, sugerindo que a leitura habitual segue uma gradiência de traços dentro de um *continuum*. Ainda nesse capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados em nossa investigação. Nesta, o aparato metodológico constituiu-se de uma abordagem quantitativa e qualitativa. Fizemos uso da abordagem qualitativa, porque, no que se refere às perífrases verbais na expressão da habitualidade, tivemos baixa ocorrência, então a metodologia mais viável foi a qualitativa, para que pudéssemos descrever quais as especificações das perífrases em contextos de habitualidade. Por conseguinte, apresentamos e discutimos os resultados obtidos com esta investigação.

De forma geral, nossos resultados apontam que para chegar a uma leitura habitual é preciso observar um *continuum*, uma gradualidade que é mantida na correlação com as formas verbais perifrásticas e simples (pretérito perfeito e pretérito imperfeito) e alguns fatores linguísticos. Quanto aos fatores sociais, depois da rodada estatística, não se mostraram relevantes na aplicação do aspecto habitual. Mas ainda concordamos com Bybee (2010), para quem os fenômenos de uso linguístico devem ser analisados de acordo com o contexto sociocultural, já que, quando lidamos com situações reais de uso da linguagem, temos a presença de participantes envolvidos. No terceiro capítulo, traçamos um panorama sobre os *corpora* que constituem as amostras linguísticas na nossa pesquisa, salientando como fora a constituição e especificando a comunidade de prática.

A caracterização por meio de traços linguísticos, dentro de uma gradualidade, proposta para a expressão do aspecto habitual no domínio do passado, considerando as diferentes formas de expressão (pretérito perfeito e imperfeito - simples e perifrásticos) e as diferentes nuances de significado em função da saliência de dado fator linguístico em função

do contexto, pode auxiliar em um maior aprimoramento da categoria aspectual em análise, com a explicação de algumas questões inerentes ao processo de gramaticalização, por meio de gradiência, assim como proposto por Bybee et al. (1994). O cotejamento dos resultados a partir de uma escala de gradação pode contribuir para o refinamento do modelo teórico, além de referendar a importância de uma análise descritiva da categoria aspecto em termos de traços semântico-discursivos, que pode trazer auxílio, assim como já fora mencionado, aos processos de etiquetagem dos *corpora* analisados.

Diante dos resultados, foi possível comprovar que o aspecto habitual surge em contextos bem específicos e a depender da forma verbal (perifrástica ou simples), como, por exemplo, estruturas compostas por *modificador aspectual* + *verbo estativo* + *PP* atualizam o aspecto habitual, mas o que colabora para essa atualização são alguns fatores, tais como a presença de um modificador aspectual. Já em outros contextos, mesmo que não tivesse a presença de um modificador aspectual, o tipo textual escolhido pelo informante, contribuía para a atualização do aspecto habitual. Por isso que se faz necessário em pesquisas que lidam com aspecto, observar todo o contexto linguístico: léxico > gramática > contexto.

Por fim, gostaríamos de apontar alguns pontos não abordados ou inacabados deste estudo e, assim, sugerir outras questões a serem investigadas, que complementem e enriqueçam nossa iniciativa. Esta investigação pode ter continuidade através da verificação da presença do modificador aspectual *sempre* e suas possíveis leituras aspectuais, dentre elas a leitura aspectual habitual. Nosso estudo tentou, assim como já fora mencionado, contribuir para a descrição do português falado no agreste sergipano, tomando como ponto de partida a região de Itabaiana/SE, visto que nesta região situa-se o *Campus* Universitário Prof. Alberto Carvalho, que engloba pessoas de regiões circunvizinhas. Além de contribuir para uma descrição linguística, pretendemos colaborar para o ensino de língua portuguesa, no que tange ao estudo das categorias verbais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Andréia Silva, et al. A expressão do tempo verbal passado no português: a descrição dos compêndios gramaticais. **Interdisciplinar**, v. 12, 2010, p. 257-269.

ARAUJO, Andréia Silva. **O funcionamento dos planos discursivos em textos narrativos e opinativos: um estudo da atuação do domínio aspectual Itabaiana/SE**. Universidade Federal de Sergipe. Trabalho de Conclusão de Curso. 2011.

ARAUJO, Andréia Silva; BARRETO, Eccia Alécia; FREITAG, Raquel Meister Ko. Bancos de dados de falantes cultos de Itabaiana/SE. **Anais da II Jornada de pesquisa científica do GEMPS/CNPq**, Aracaju/SE, 2012.

ARAUJO, Andréia Silva; PEIXOTO, Jackeline de Carvalho; FREITAG, Raquel Meister Ko. Banco de dados de escrita – textos narrativos e opinativos. **Anais da II Jornada de pesquisa científica do GEMPS/CNPq**, Aracaju/SE, 2012.

BARRETO, Eccia Alécia Barreto. **Variação na expressão do tempo verbal passado: o valor habitual**. 2012/1. Iniciação Científica. Universidade Federal de Sergipe, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientadora: Raquel Meister Ko Freitag.

BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BERTINETTO, Pier Marco. On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: the ‘perfective-telic confusion. In: CECETTO, Carlo; CHIERCHIA, Gennaro; GIUSTI, Maria Teresa (Ed). **Semantic interfaces: reference, anaphora and aspect**. Stanford: CSLI Publications, 2001.

BERTINETTO, Pier Marco; LENCI, Alessandro. Iterativity vs. habituality (and gnomic imperfectivity). **Quaderni del laboratorio di linguistica** – v.9 (1), 2010.

BORBA COSTA, Sônia. **O aspecto em português**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge: University Press, 2010.

BYBEE, Joan; PERKINS, Revere; PAGLIUCA, William. **The evolution of grammar: the grammaticalization of tense, aspect and modality in the languages of the world**. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CASTILHO, Ataliba Teixeira. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Gramática – texto, reflexão e uso**. São Paulo: Atual, 2008.

COAN, Márluce. **Anterioridade a um ponto de referência passado: Pretérito (mais que) perfeito**. 1997. 177f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

COAN, Márluce. **As categorias de tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlações entre função(ões)-forma(s) em tempo real e aparente**. 2003. Dissertação (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

COAN, Márluce; PONTES, Valdecy de Oliveira. Relevo discursivo e uso do passado imperfectivo em narrativas literárias. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 50-79, 2012.

COMRIE, Bernd. **Aspect**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

CORÔA, Maria Luzia. **O tempo dos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

COSTA, Ana Lúcia. **A variação entre formas de futuro do pretérito e de pretérito imperfeito no português informal no Rio de Janeiro**. 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico S/A – Indústria e Comércio, 1982.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

ECKERT, Penelope. **Variation, convention, and social meaning**. Paper Presented at the Annual Meeting of the Linguistic Society of America. Oakland CA. Jan. 7, 2005.

EVANGELISTA; SANTANA; FREITAG. **Desempenho do processamento automático de verbos do português brasileiro pelos etiquetadores Treetagger e Automatic Parse**. 2013 no prelo.

FREITAG, Raquel Meister Ko. **A expressão do passado imperfectivo no português: variação/gramaticalização e mudança**. 2007. 231f. Tese (Doutorado em Linguística) -

Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Aspecto inerente e passado imperfeito no português: atuação dos princípios da persistência e da marcação. **Alfa**, São Paulo, 55 (2): 477-500, 2011.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Past tense in Brazilian Portuguese: set of tense-aspect-modality features. In: **Proceedings of the VIIth GSCP International Conference Speech and Linguistic Analysis**. Firenze: Firenze University Press, 2012, p. 388-392.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; ARAUJO, Andréia Silva; BARRETO, Eccia Alécia. Emergência e regularização de usos em categorias verbais do português: gradações de modalidade nos valores condicional, iminencial e habitual no domínio do passado imperfeito. **Revista do Gelne**, v. 14, 2013, p. 99 – 122.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: an introduction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GIVÓN, Talmy. **Compreendendo a gramática**. Trad. CUNHA, Maria Angélica Furtado da; MARTELOTTA, Mário Eduardo; ALBANI, Filipe (Org.). Natal: EDUFRN, 2011.

HOPPER, P.; THOMPSON, S. A. Transitivity in Grammar and Discourse. In: **Language**, v. 56, n. 2, 1980.

ILARI, Rodolfo. **A expressão do tempo em português**. São Paulo: Contexto, 2001.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato Miguel. Classes de palavras e processos de construção. 3. O verbo. In: NEVES, Maria Helena de Moura; ILARI, Rodolfo (Orgs.). **Gramática do português falado culto no Brasil**. V.II Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 163-365.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria DUARTE, Inês Silva; FARIA, Isabel hub. **Gramática da língua portuguesa**: elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.

NEVES, Maria H. Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa.

PERINI, Mário A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

RODRIGUES, Cristiane Seimetz. **Sempre: um estudo de suas interações aspectuais em contexto de pretérito perfeito simples e pretérito imperfeito**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina Florianópolis, 2009.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E.. **Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows**. Department of Linguistics of University of Toronto, Department of Mathematics - University of Ottawa, 2005.

SERGIPE, Secretaria do Estado de Educação. **Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual Murilo Braga**. Diretoria Regional de Educação – DRE’3. Itabaiana, 2007.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. Uberlândia: EDUFU, 2006.

TERRA, Ernani; NICOLA, José de. **Português: de olho no mundo do trabalho**. São Paulo: Scipione, 2004.

TESCARI NETO, Aquiles. **AdvPs de aspecto habitual como modalizadores inerentes: um estudo translinguístico**. Dissertação (Mestrado em Linguística), Instituto de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

VENDLER, Zeno. Verbs and time. **The Philosophical Review**, v. 66, n. 2, 1957, p. 143-160.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. **As leituras aspectuais da forma do progressivo do português brasileiro**. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de São Paulo, 2003.

WEIREICH, Uriel; LABOV, Willian; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.